

Compre -6. MAI 2010

N.º 12

LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1924

ANO I

Director
Oliveira Tavares

Editor
Joaquim Araujo

Propriedade da Empresa
de Publicidade Colonial, L.ª

GAZETA

DAS

COLONIAS

Composto e Impresso
Rua do Seculo, 150

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e Administração
R. Diário de Noticias, 44, 1.º

SEMENARIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS

MONUMENTOS COLONIAIS



Moçambique. — O MONUMENTO DE MAGUL

(Comemorando o combate de 8 de Setembro de 1895, no qual com Mousinho de Albuquerque, tomaram parte, entre outros officiaes, os srs. General Freire de Andrade e Paiva Couceiro)

COLABORADORES

Albano A. Portugal Durão (antigo ministro), Maj. A. Cifka Duarte (Ex.^{mo} Director da Aeronautica Militar), Dr. Alexandre de Vasconcellos e Sá (antigo ministro), Engenheiro Alfredo Augusto Freire de Andrade (antigo gov. colonial), Dr. Alvaro Xavier de Castro (antigo gov. colonial), Dr. Antonio Gonçalves Videira (Beira-Moçambique), Antonio José Pires Avelanoso, Alm. Antonio J. A. F. Pinto Basto, Major Antonio Leite de Magalhães (antigo gov. de districto), Antonio Pinto Teixeira (antigo gov. de districto), Maj. Antonio Ribeiro de Carvalho (antigo ministro), Eng. Antonio Vicente Ferreira (antigo ministro), Dr. Armando Cortesão, Dr. Armindo Monteiro, Artur Tamagnini de S. Barbosa (antigo gov. colonial), Aires de Ornelas e Vasconcelos (antigo ministro), Cap. Carlos T. A. dos Santos, Dr. Carlos Amaro, Cap. ten. Carlos Pereira (antigo governador colonial) Eng. Carlos Roma Machado, Carlos Oscar da Silva, Eng. Carlos de Sá Carneiro, Al. Carlos Viegas Gago Coutinho, Dr. Constantino José dos Santos (senador), Dr. Egidio Inso, Alm. Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcelos, Dr. Fernando Emídio da Silva, Dr. Francisco Anacleto da Silva (Senador por Macau), Maj. Francisco C. Aragão, Eng. Francisco da Cunha Rego Chaves (antigo ministro), Maj. Francisco Pedro Curado, Eng. Francisco Pinto da Cunha Leal (antigo ministro), Heitor Eugenio de Magalhães Passos (inspector escolar) Ten. Cor. Henrique Sátiro Pires Monteiro, Cap. Ten. Henrique Monteiro Corrêa da Silva (antigo governador colonial), Dr. João Camoesas (antigo ministro), Cap. João Guilherme de Menezes Ferreira, Cap. João Luiz de Moura, Ten. Cor. João Maria Ferreira do Amaral, Dr. João dos Santos Monteiro, Eng. João Tamagnini de S. Barbosa (antigo ministro), Gen. José Augusto Alves Roçadas (antigo governador colonial), Maj. José A. de Melo Vieira, Dr. José Benevides, Dr. José Caeiro da Mata, Cap. Ten. José E. Carvalho Crato, Dr. José O. Ferreira Diniz, Maj. José Tristão de Betteucourt, Luiz de Menezes Bragança, (India), Luiz Moita, Dr. Manuel de Brito Camacho (antigo Alto Comissario em Moçambique), Dr. Manuel Fratel, Manuel Ferreira da Rocha (antigo ministro); Mariano Machado (antigo Director da C. F. de Benguela), Dr. Roberto Bruto da Costa (India), Paulino dos Santos Gil (Lourenço Marques), Tomé de Barros Queiroz (antigo ministro).

AGENCIAS

A Gazeta das Colonias tem já definitivamente estabelecidas as seguintes agencias:

No Continente: — Para o Porto e Norte do Paiz — Os Ex.^{mos} Srs. Dias Pereira & C.^a

Nas Colonias: — Para a Provincia de Angola: — A Empresa de Publicidade «Angola», Lim.^a.

Para a Provincia de Moçambique. — *Lourenço Marques:* Ex.^{mo} Sr. Aniano Mendes Serra (com acção nos districtos de Gaza, Quelimane e Tete). *Moçambique:* Ex.^{mo} Sr. Antonio Fernandes da Silva. *Inhambane:* Ex.^{mos} Srs. A. Cruz, Limitada. *Manica e Sofala:* Ex.^{mo} Sr. Luiz Pereira Eduardo.

Para a India: — O Ex.^{mo} Sr. Dr. Roberto Bruto da Costa.

Para Macau: — O Ex.^{mo} Sr. Pedro Nobasco da Silva Junior.

Nas restantes provincias: agencias provisórias.

Aos nossos estimados assinantes

Está a terminar a série de 13 números, que deveria corresponder ao 1.º trimestre de vida da GAZETA DAS COLÓNIAS.

Dificuldades várias tornaram impossível a regularidade que desejavamos manter na publicação; entre elas predominou a dificuldade de aquisição de papel apropriado e por virtude do receio de que nos viesse a faltar em absoluto esse indispensavel elemento, resolvemos reduzir o numero de paginas de 32 a 24.

Não tendo podido remover completamente as dificuldades existentes, no sentido de conseguir a maior regularidade na publicação e de, ao mesmo tempo, restituir á GAZETA o seu primitivo numero de paginas, resolvemos, ao entrar na segunda série, fazer a publicação quinzenalmente.

Com isto não deverão ser prejudicados os nossos estimados assinantes, pois que **continuando a assinatura a fazer-se por séries de 13, 26 e 52 numeros, o dispendio será o mesmo, simplesmente correspondendo a um maior periodo de tempo.**

Procedendo assim, não só procuramos evitar as consequências das dificuldades com que temos lutado, mantendo na publicação a regularidade que convem, mas cedemos a sugestões de numerosos amigos nossos, que entendem que por esta forma se pode satisfazer a missão que a GAZETA se impôs, porventura com a vantagem duma possível melhoria, que vamos procurar realizar.

Assim a partir do 13.º numero será a publicação da GAZETA DAS COLONIAS feita quinzenalmente, passando a série de 13 numeros (que continua a ser a base da nossa cobrança), a corresponder a 1 semestre e voltando cada numero a sair com 32 paginas.



ENSINO COLONIAL

TODAS as nações consideradas potencias coloniais, têm reconhecido que a mais segura base da regular e sã administração dos seus dominios, é uma cuidada preparação scientifica de todos aquelles que a essa função se destinem.

Foi a Alemanha a primeira potencia colonial que chegou a esse reconhecimento e em todos os seus estabelecimentos de ensino universitario, os estudos coloniais tiveram desde logo um lugar especial, ao mesmo tempo que se instituiam escolas exclusivamente destinadas á preparação colonial.

A Inglaterra fêz incluir nos programas das suas escolas superiores os estudos coloniais; a França criando as Escolas Coloniais de Paris e do Havre e os Institutos de Naney, Lyon, Bordeus e de Marselha e instituindo os cursos do Jardim Colonial de Nogent-sur-Marne e outros, mostrou bem as atenções que lhe merece a preparação do seu funcionalismo colonial; a Belgica, organizando o ensino colonial superior por cursos nas Universidades de Gand e de Liège e pela constituição da Escola Colonial Superior de Anvers, procurou em identica preparação scientifica a base da sua obra de colonisação dos extensos territorios do Congo; a Holanda estabeleceu um curso colonial de 3 anos, a cuja frequencia só se é admitido depois dum minucioso exame; a propria Italia, cuja capacidade colonisadora tem sempre estado longe de corresponder ás suas conhecidas ambições de expansão, não descurou o assunto, como atestam os numerosos institutos de ensino colonial, que mantem.

Não deixou Portugal de acompanhar, e até por vezes preceder, as outras potencias coloniais, no movimento que se tem vindo rializando.

Depois do 1.º Congresso Colonial criaram-se em Lisboa a Escola de

Medicina Tropical e a Escola Colonial; decretou-se o estabelecimento de cursos especiais no Instituto Superior de Agronomia, nas Faculdades de Direito e nas Escolas Normais, e instituiu-se o Jardim e o Museu Colonial.

No 2.º Congresso não deixou o assunto de merecer estudo e numa tese que proficientemente relatou, o sr. Dr. Silva Teles preconizou a *Transformação da Escola Colonial em instituição universitária, reorganizada com a colaboração das diferentes Faculdades da Universidade, e a formação de programas e cursos especiais, conforme os fins que a administração tenha em vista.*

Isto é, Portugal possui hoje, ou está em vias de possuir, uma organização de ensino colonial que nos não deprime, em confronto com as demais nações, desde que a encaremos sómente na forma, abstraindo dos resultados.

Porem em todas, ou quasi todas, as nações apontadas, o desenvolvimento do ensino colonial obedeceu a um intuito utilitario, que nunca se perdeu — o saneamento do funcionalismo que ás suas colonias se destina. — Paralelamente á instituição dos cursos criaram-se direitos, e esses direitos têm sido respeitadoss.

Nalgumas nações, como a Inglaterra, é muito o que se exige aos candidatos a funcionários coloniais; mas, uma vês satisfeitas essas exigencias, *ha a certesa* duma compensação ao esforço dispendido.

Entre nós o assunto tem sido tratado por forma muito diferente e com uma acentuada falta de senso pratico.

Criados os cursos da Escola Colonial, que deveriam constituir a base da organização dum quadro de funcionalismo ultramarino de carreira, não se foi alem de estabelecer, em favor dos alunos que os frequentam, a preferencia para o

provimento em cargos coloniais, preferencia que, supomos, nunca terá sido respeitada.

Tudo assim se inutilisou; menos prezada a função das escolas, perdida a finalidade que devia ter inspirado a sua instituição, os cursos vão-se seguindo sem qualquer incentivo, emquanto a preparação que por eles devia fazer-se se vai rializando por meio de serviços politicos, nas antecamaras ministeriais.

Esta levesa com que se tratam as questões, ainda as mais importantes, é que nos prejudica.

Somos absolutamente capazes de fazer o que os outros fazem; excedemo-los, por vezes, com brilho, desde que nos não exijam um esforço demorado, pois que a continuidade de acção indispensavel para todo o êxito, nos falta por completo.

E' porém indispensavel que ela entre nos nossos habitos.

Nesta questão do ensino colonial, que está intimamente ligado á selecção do nosso funcionalismo colonial e que, por isso mesmo, tem uma capital influencia na obra de colonisação que nos cabe e que nunca poderemos abandonar, alguma cousa está já feita; que se possiga, respeitando-se desde já os poucos direitos estabelecidos, criando-se outros e proporcionando-os sempre aos deveres exigidos, que têm de ser dia a dia mais pesados.

Aos Poderes Publicos deve este assunto merecer toda a atenção. A nossa administração colonial tem de sair do empirismo em que se tem encerrado, para assentar nas bases scientificas, cujo valor está de sobra reconhecido.

Trabalhar para o conseguir, é a melhor resposta, a unica que devemos dar a descabidas criticas e incorrectos comentarios que por vezes se fazem em volta da nossa acção, e acima dos quais é mister que nos ponhamos.

Luso-Colonial, Ltd.^a

ROSSIO, 93, 3.º

LISBOA

Codigos | Ribeiro
| A. B. C. 5.ª Edição.

Tele | fone NORTE 812
| gramas MILABREU

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

VINHOS DE CONSUMO E LICOROSOS

CONSERVAS, GENEROS COLONIAIS

Dão REFERENCIAS BANCARIAS — Pedem correspondentes nas colonias portuguezas

Agentes nas principais praças europeias.

Sucursal em ANVERS. Longue Rue Neuve, 16

Companhia de Moçambique

Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territorios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do norte e do Sul-Katanga Belga. — Protectorado da Niassalândia e vale do Zambeze



Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental

CULTURA DO ALGODOEIRO

INSTRUÇÕES PRÁTICAS

(Conclusão)

IX — AGENTES INIMIGOS

- 134—Na cultura do algodoeiro, como na de todas as plantas, temos de prevenir as molestias e agentes inimigos, porque uns e outros podem determinar prejuizos elevadissimos.
- 135—O bom agricultor deve antes prevenir o mal do que cural-o; convém, pois, que ele saiba que os prejuizos que porventura verifique na cultura do algodoeiro podem ser devidos a causas diversas, taes como as chuvas, as geadas, os defeitos culturaes e os insectos e outros parasitas.
- 136—Na época da colheita, as chuvas frequentes, isto é, continuas prejudicam mais a produção do que os fortes aguaceiros que tambem são muito nocivos. Para prevenir esses prejuizos, convém estudar o clima da região e escolher a época da sementeira.
- 137—As geadas produzem prejuizos graves nas maçãs novas, e, para evital-os o que mais convém é fazer sementeiras em épocas proprias e escolher variedades de algodoeiros precoces.
- 138—Dos defeitos culturaes, são mais nocivos os solos humidos, as terras secas e estereis, os terrenos muito praguejados, os que estão muito expostos á acção das ventanias e, por fim, os que não recebem bastante luz.
- 139—Dentre os insectos ha alguns que só por si podem destruir uma cultura. Os gafanhotos, os coruquerês, a lagarta rosada e um outro conhecido por *Anthonomus* são os mais perigosos.
- 140—Os gafanhotos, quando invadem as culturas, determinam consideraveis prejuizos, e nós já conhecemos os terriveis efeitos das invasões desses insectos.
- 141—O coruquerê é uma lagarta muito prejudicial ao algodoeiro, de que chega a comer todas as suas partes verdes. Este insecto era em todos os tempos a unica praga que determinava prejuizo nos nossos algodoeiros.
- 142—Para combater esse e outros insectos que devoram a parte verde da planta, usam-se diversas drogas e dentre ellas o verde de Paris ou arseniô de cobre, que é a droga mais preferida para esse fim, entre nós.
- 143—Para combater o coruquerê, com eficacia, deve haver o maior cuidado na aquisição do verde de Paris, pois ha nos mercados e em abundancia verdes falsificados que são impingidos por legitimos.
- 144—O verde de Paris é, pois, um remedio soberano para combater numerosos insectos que atacam o algodoeiro. O que porém é necessario é que a droga seja legitima, para que surta o efeito desejado.
- 145—Os algodoeiros invadidos pelo coruquerê devem ser tratados, pelo menos, duas vezes, com as pulverisações do veneno em questão.
- 146—O coruquerê pôde dar, entre nós, varias gerações, que atacam o algodoeiro de dezembro a maio, isto é, dentro de quasi todo o periodo de vegetação da planta.
- 147—O agricultor previdente deve poder dispor, em qualquer tempo, de uns 3 a 6 kgs. de verde de Paris, para cada alqueire de algodoeiro, afim de combater de modo seguro, a invasão que porventura se dê na sua cultura.
- 148—O algodoeiro não atacado, mas proximo a outros visitados pela referida praga, pode receber uma pulverisação fraca como simples preservativo.
- 149—É aconselhavel a distribuição do verde de Paris nas primeiras horas da manhã, porque a adherencia da droga é favorecida pelo orvalho que cobre as partes verdes da planta.
- 150—Nos dias de chuva e nas horas de muito vento perde-se grande parte da droga, por isso convém a pulverisação em occasião de maior oportunidade, evitando esses inconvenientes.
- 151—O vehiculo mais recomendavel para facilitar a distribuição do verde de Paris é a farinha de trigo, que deve ser misturada na proporção de 10 e até 30 partes desta para cada uma parte daquela droga.
- 152—A mistura do verde de Paris com a farinha de trigo deve ser mais ou menos forte, conforme a invasão. Nos casos de pequena invasão faça-se a mistura de 1 kg. de verde de Paris com 25 ou 30 de farinha de trigo.
- 153—Lembre-se o agricultor de que a mistura deve ser bem seca, porque, d'outro modo ela empasta e não mais é possivel fazer a pulverisação desejada.
- 154—Um operario a cavallo pôde pulverisar, sem dificuldade, um ou dois alqueires de algodoeiro por dia.
- 155—Para a distribuição da mistura, usar um aparelho, que consta de uma vara, em cujas extremidades se prendem dois saquinhos de pano ralo destinados a receber a droga.
- 156—Para favorecer a distribuição convém que a vara meça o comprimento da largura das linhas do algodoeiro, afim de que, batendo repetidamente na vara, o pó passe mais facilmente atravez do tecido e se deposite sobre as plantas.
- 157—Da lagarta rosada temos a receiar os maiores prejuizos e é por isso que os nossos cuidados devem ser os maiores possiveis, tanto no expurgo das sementes como na destruição das sementes atacadas. Damos a seguir, os conselhos a esse respeito, divulgados pela secretaria da Agricultura.
- 158—Para evitar essa praga, o maior inimigo do algodoeiro, o agricultor deve, no plantio, só empregar sementes desinfectadas; durante o crescimento da

planta, revistar as maçãs verdes, apanhando as furadas e as defeituosas e queimando-as cuidadosamente logo depois de apanhadas; durante a colheita, apanhar e queimar todas as maçãs mal abertas e atrazadas; e no fim da colheita, arrancar e queimar todos os pés de algodão, maçãs cahidas e o algodão espalhado no chão; não deixar nenhuma soqueira; não guardar de uma safra para outra algodão em caroço ou sementes, a não ser em depósito especial.

- 159—Para a plantação, a Secretaria da Agricultura fornecerá a semente desinfectada e indicará também os estabelecimentos que podem fornecer-a de zona não infestada, sob sua fiscalização.
- 160—Durante o crescimento da planta, as maçãs que tenham um furozinhô na casca, as mirradas, as encoadas e as que ameaçam não abrir todos os gomos por igual, o agricultor deve queimar-as. Ele deve também vigiar o aparecimento de uma borboletinha que vóa ao escurecer e á noite parecida com a borboleta dos paioes onde ha milho velho. Cada maçã furada que se queima salva da praga de 60 a 100 maçãs boas.
- 161—Durante a colheita, não se deve deixar nos pés maçãs com gomos que não abriram, revistando sempre as verdes, para saber se têm furos, e as meio abertas, para queimar todas as defeituosas.
- 162—Finda a apanhação, amontoar a galharada de todos os algodoeiros arrancados (precisam ser todos arrancados e não cortados) e as maçãs cahidas no chão, bem como o algodão que estiver espalhado, queimando tudo e picando fogo na roça toda. Se fôr possível, correr o arado depois da queima; assim fazendo também se previne contra a praga da raiz.
- Não deixar nenhuma soqueira na roça; é nas folhinhas novas que a larva vive antes de penetrar nas maçãs.
- 163—As seguintes medidas devem também ser observadas: Deixar um aceiro bem limpo ou plantado com mamona, feijão, milho ou cana, entre o algodão e o matu ou capoeira, com mais de 50 metros de largo, para evitar que a borboletinha vá pôr ovos em outras plantas ainda não conhecidas, que possam servir para crear as lagartas, até virarem borboletas. Não plantar quiabo e romã; parece que as paineiras também criam lagartas nas frutas.
- 164—Para prevenir as pragas, é aconselhavel amontoar todos os residuos do algodão e deitar fogo aos montes, favorecendo-se, por todos os modos, a sua completa incineração.
- 165—Tambem, de novo, recomendamos que a fiscalização continua ao algodão é um serviço de que não nos devemos descuidar, porque, deste modo, fiscalizaremos não só a sanidade do algodão, mas também perceberemos que serviços deveremos fazer para favorecer a vegetação.
- 166—Além dessas pragas animaes, dentre as quaes ha também as formigas, existem outras que não são conhecidas pelos agricultores, convindo saber que os climas quentes e humidos favorecem o aparecimento de molestias cryptogamicas, taes como a peronospora, as ferrugens e outras mais.
- 167—A ferrugem e outras molestias cryptogamicas são combatidas pela adubação do solo, com saes de potassa. A kainite, que tem sido usada na proporção de 200 kgs. por hectare, produziu excellentes efeitos; as adubações com cinza enrobustecem as plantas e fazem-nas resistir a essas molestias.

SOUSA MACHADO & C.^A

SEDE EM LOANDA

ANGOLA—CABO VERDE—GUINÉ—LISBOA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

:: PRODUTOS COLONIAIS ::

:: CEREAIS DE ANGOLA ::

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Representantes privativos na Africa Ocidental Portúguezua da;

FORD MOTOR COMPANY

E. U. A.

Representação e Importação exclusiva de carros de turismo, camionetes, tractores FORDSON, accessorios e sobressalentes

:: FILIAL EM LISBOA ::
RUA GARRETT, 62, 2.^o

FILIAIS NO:
LOBITO
HUAMBO

END. TELEGRAFICOS:
PARA ANGOLA—SOMA
PARA LISBOA—SEGUE

Guiné

A PROPAGANDA DA PROVINCIA

SUBORDINADO ao título *A proposito dum artigo da «Gazeta das Colónias»*, e subscrito por João de Portugal, publicou o nosso prezado colega «*Pró-Guiné*» o artigo que, com a devida vénia, transcrevemos a seguir:

A leitura dos belíssimos artigos dos senhores Carlos Pereira e Armando Cortezão, na *Gazeta das Colónias*, suggeriu-nos o presente artigo, que, embora modestamente escrito, representará a nossa sincera admiração pela maneira como os interesses desta provincia ali são advogados.

A Guiné merece-o por que é uma pequena colónia—pequena na sua área—mas grande, muito grande, pela pujante fertilidade do seu sólo, cuja cultura tem sido até hoje descurada pelos capitais portugueses que têm derivado para outro ponto, não sabemos por que razão.

Causa pena e dó, e ao mesmo tempo vergonha, espreiar a vista pelas vastas planícies da Guiné, sem ver algum melhoramento que ateste trabalho e progresso nos serviços agrícolas.

Alguns milhares de hectares de terreno, que não representam a centésima parte de todo o que é próprio para cultura, semeado de mancarra, e algumas bolanhas (terrenos alagadiços) com sementeira de arroz.

Arvores, as que a natureza faz brotar espontaneamente do sólo.

Processos de agricultura, os mais rudimentares.

Exploração de madeiras, que as têm de primeiro qualidade, o bastante para as queimar no fogão!

Concessões de terrenos, muitíssimas mas inexploradas, por que os concessionários limitam-se a estabelecer nelas mercados para compra de mancarra e arroz, donde tiram fabulosos lucros sem valorizarem as propriedades e nem ao menos pagarem ao Estado a parte proporcional a esses lucros.

Todavia, nada mais fácil que fazê-lo chegar a bom caminho:

Bastaria lançar um imposto progressivo e pesado, sobre os terrenos não cultivados pelos concessionários.

Ou, então, e isso melhor seria, fazer regressar a posse do Estado, nos termos do respectivo regulamento, os terrenos que estivessem estacionários por conveniência ou negligência dos seus proprietários.

Uma tal providência daria: no primeiro caso, um bom rendimento para o tesouro; no segundo seriam os terrenos postos em praça em pequenas glebas, mais susceptíveis de encontrar quem as cultivasse, ou adquiridos por companhias importantes que os cultivariam pelos processos modernos.

Em qualquer das hipóteses, teria a provincia um manancial de riqueza, porque o fomento desenvolver-se-ia e o progresso da Guiné caminharia á frente, lucrando com isso o comércio que está sendo um dos principais factores da riqueza provincial, e o erário público que veria aumentar assombrosamente as suas receitas.

Por que se esta provincia é já um centro importante de produção de géneros coloniais, o que seria se os capitais portugueses para aqui derivassem e se as muitas concessões de terrenos feitas a diversos proprietários fôsssem por estes cultivadas e valorizadas!

Tornar-se-ia uma das nossas melhores colonias por que tem vida própria, e os seus terrenos são adaptáveis a todas as culturas, das quais, as mais importantes, são: mancarra, arroz, milho, tabaco, batatas, mandioca, ricino, etc., etc.

Além disso a plantação de koleiras, cujo fruto tão remunerador é, das bananeiras, e a exploração de madeiras por que as tem e das mais ricas, os coqueiros, cafezeiros, para que os terrenos se prestam, não podiam ser umas belas fontes para aumentarem a riqueza da Guiné?

Sem dúvida!

Como muito bem diz o illustre agrónomo, sr. Cortezão, «a Guiné parecer chegar ao máximo que com os meios actuais a agricultura pôde produzir».

«Embora isto seja alguma coisa de muito importante já, nada é, comparado com os enormes mananciais de riqueza que a colónia tem ainda inexplorados.»

Cultivem os concessionários todos os terrenos das concessões, valorizem-nos e vêr-se ha o quanto esta colónia vale e quanto é errada a ideia que dela se faz.

Esses boatos tendenciosamente feitos para depreciarem a Guiné, obedecem a um plano infame dos gananciosos que, não obstante terem já muito, querem mais, muito mais. Deitam-lhe má fama para afastarem concorrentes.

E' falso que o clima da Guiné seja peor que o de qualquer das nossas outras colónias; é falso que ela não esteja actualmente completamente pacificada; é falso que haja falta de braços para a cultura dos seus magníficos terrenos; enfim, é falso, falsíssimo, tudo quanto esses traficantes dizem contra esta provincia.

E para desfazer os efeitos dessa infamíssima e traçoceira manobra, é necessário, é indispensável, que a campanha patriótica iniciada pela *Gazeta das Colónias*, seja secundada por todos os jornais e por todas as publicações portuguesas.

São muito para ponderar as considerações que se fazem neste artigo e os alvites que propõe.

A detenção de terras por parte de pessoas que as não cultivem, é tudo quanto ha de mais prejudicial ao progresso de qualquer região; por isso entendemos que são absolutamente justificaveis as medidas que atraz se propõem, ou outras equivalentes.

A Guiné é uma provincia com um largo futuro, que é mister não prejudicar por falta de medidas que sirvam o seu progresso.

Segundo os ultimos trabalhos scientificos pode curar-se a tuberculose, com a «*Palmol*». Pedir instruções á «*Sanitas*» T. Carmo, 1, Lisboa.

PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;

Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.

Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.

Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores, de costados e de fundos.

Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).

Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de calafetos, etc.

Montagens e reparações de instalações electricas a bordo.

Obras hydraulicas.

Fornecem-se:

a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.

b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.

c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.

d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais do Sodré — LISBOA

Telefones | C. 1926 Administração e serviço
| C. 2992 de transportes
| C. 1588 Oficinas, docas e obras

Endereço telegrafico:

“DRYDOCKS,,

A CONSTRUTORA, L.^{DA}

Capital realizado: 2.500.000\$00

Séde em LOBITO

CAIXA POSTAL N.º 10

Filial em BENGUELA

CAIXA POSTAL N.º 32

Delegação em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 235, 2.º-Esq.

Telefone n.º 2772

Telegramas | Rodrivalho — LISBOA
| Construtora — LOBITO

GERENTES EM:

AFRICA

Sousa Lara & C.^a Ld.
Joaquim Duarte

LISBOA

José odrigues de Carvalho
Mariano Machado

Deposito de materiais no Lobito e Benguela

Encarrega-se de construções no Lobito e ao longo do Caminho de Ferro desde o Lobito até ao Bié (Silva Porto) Kilomet. o 627



Angola

A CRISE DE ANGOLA

I

Uma ilusão que se desfaz... Os numeros em conflito com a doutrina

O sr. Filomeno da Camara, tão distinto colonial como illustre official da nossa Marinha de guerra, em cinco interessantes artigos publicados no jornal «A Tarde», focou de tal maneira a situação de Angola que muitas criaturas, pouco atreitas á jiga-joga dos numeros e aos processos subitís da casuística, ficaram apavoradas ante o négrume das «sombrias» que as suas mãos impiedosas acastelaram sôbre a Provincia. Tive occasião de constatar a profunda impressão de desânimo que os seus artigos provocaram... E, na verdade, depois das paginas tremendamente scepticas de Oliveira Martins, no seu livro *O Brazil e as Colónias Portuguezas*, não conheço julgamento que mais gravemente fique pesando sôbre a Colónia do que aquele que o sr. Filomeno da Camara explanou no seu libelo. Ha pontos até em que o mesmo raciocínio parece ter ligado as duas almas... E, se ambos excluem as possibilidades de grandes sacrificios, para que aquella *Angola portentosa* atinja a prosperidade que é mister, afim de não continuar sendo um documento triste da nossa capacidade colonizadora, então tambem será lógica a mesma conclusão de que... «o unico sistema sensato será enfeudá-la a quem possa fazer o que nós decididamente não podemos»,—tal como audaciosamente rematara a pena cruel de Oliveira Martins.

Li os artigos do sr. Filomeno da Camara, precisamente quando o acaso me tinha depôsto nas mãos o largo estudo do professor Goffredo Yaja sôbre «*L'avvenire economico dell'Angola*», publicado em Agosto do corrente ano, na *Rivista Maritima italiana* (veja-se em que campo já estão sendo tratadas as nossas questões coloniais!...) e no qual eram estabelecidas as seguintes premissas:

«...*l'avvenire economico dell'Angola dipende da imprese colonizzatrici.*

«...*nessuna impresa colonizzatrice sarà possibile nell'Angola, senza un largo concorso di capital straniero...*

«...*Se exclude «a priori» che possa farlo il Portogallo.»*

E, ao mesmo tempo, era-me posta sob os olhos uma brochura do agricultor e colonial sr. Mario Busceto sôbre «*Una colonia di grande avvenire—L'Angola*», reclamada como

«...*un giardino, un'eterna primavera, la ricchezza...*

e que, por «*un incarico affidatomi dal Duce*» (assim se designa Mussolini), fôra convenientemente estudada *in loco*, para que depois se espalhasse no mundo que

«*Malgrado grande parte del territorio sia molto fertile e le ricchezze minerarie incalcolabili, il suo sviluppo, fino a pochi anni or sono, è stato nullo o casi.*»

E ali se garantia *urbi et orbi* que

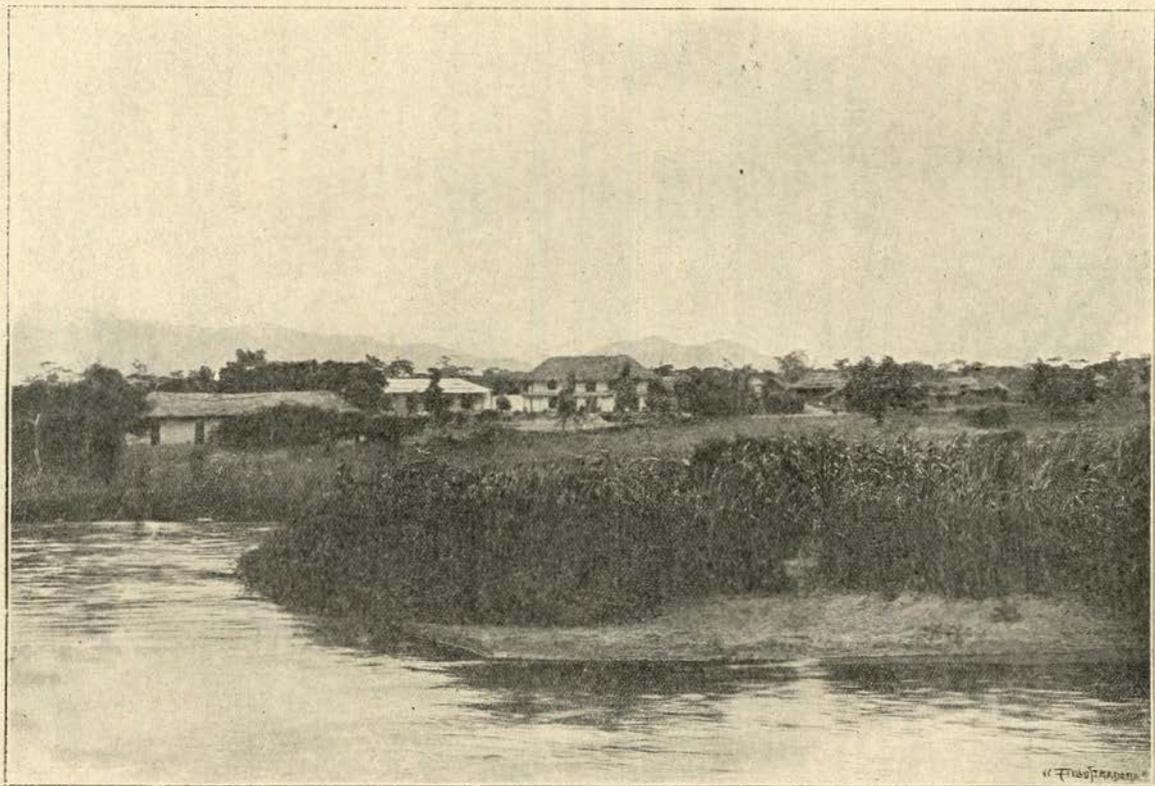
«*Il Portogallo è troppo piccolo per le sue colonie.*»

Pois—veja-se bem!—o que sr. Filomeno da Camara discute e condena nos seus artigos é justamente o esforço decidido e amplo, embora tumultuário, que, desde 1921 a 1923 se tentou em Angola, para insuflar a vida nas suas terras modorrentas,—esse esforço que tantas vezes fôra o meu sônho ardente de colonial para que não se ouvisse... «*a todas as horas o escárneo e o desdem com que falam de nós todos os que viajam na Africa*»,—e que tambem fôra o tormento agudo que desvairara Oliveira Martins.

Queira o sr. Filomeno da Camara perdoar-me a irreverente discordancia em que me encontro de quasi toda a doutrina exposta e defendida pelo brilho da sua pena. E, prestando homenagem ao seu patriotismo, tantas vezes afirmado em rudes provas, apenas ousou supôr que a sua penetrante intelligencia se deixou obcecar por um exemplo da História, aureolado de fulgôr como nenhum outro, é certo, mas tambem como nenhum outro... manchado de violencias e de crimes, que a Humanidade condemnou:—é o de Java. E' isto, pelo menos, que eu deduzo da *solução* que S. Ex.^a preconiza para o problema de Angola, consubstanciada na *simples organização do trabalho indigena*, como *capital enorme* possuido pelo Estado.

...Era tambem assim que Oliveira Martins encarava o problema, quando aconselhava que «*deviamos empenhar-nos seriamente em fazer de Angola, uma boa «fazenda» á holandezza, sem escrupulos, preconceitos, nem quimeras, se depois de maduro estudo entendessemos que valia a pena o sacrificio.*»

Realmente, o processo holandez era de natureza a despertar a maior das tentações:—foi por êle que a Java, endividada de 1824-1834 se converteu, quasi maravilhosamente, na Java próspera de 1850-1870, em que as suas contas de gerência muitas vezes se fechavam com saldos positivos de 30 milhões de florins. O oiro entrava em ondas nos cofres mendicantes da metrópole, que a guerra contra a Belgica exaurira até ao fundo. E com êle iniciava a Holanda as suas grandes obras de fomento, ao mesmo tempo que previdentemente constituia o seu fundo de reserva. Aquelas *Índias*, que em 1796 haviam occasionado a falência estrondosa da *Oost Indische Compagnie* com um passivo



« F. J. M. R. »

ANGOLA—Propriedade agricola no planalto de Benguela

de mais de 260 milhões de florins, facilmente se tornaram na mina opulenta donde a riqueza manava a flux. Quem produzira o milagre? O indigena. E como? Forçado pelo trabalho.

Nada mais simples, como se vê! Colocado pelo marechal Daendels (1808-1811) entre a enxada e a fôrca, fôra optando pela enxada. Passa, depois a desfrutar um alívio momentâneo com a dominação inglesa; mas o jugo da Holanda volta e, com elle, os processos de Daendels vão-se firmando pouco a pouco até que refinam em Van den Bosch (1830-1834). Poucos anos depois, uma população inteira estava arrancando ao ventre da terra os milhões com que a Holanda se enfiava. Por que preço? Apenas o preço de muitas vidas, que o barão do algóz e a fome inclemente iam arrebatando á escravidão.

Mas foi dentro da própria Holanda que contra este sistema se ergueram, em revolta, as almas piedosas de Multatuli e de Van Hoëvel, movendo a opinião. E o parlamento, succumbido, votava em 1890 a ultima das leis que nas *culturas forçadas* vibraram o golpe de misericórdia.

Quem ousaria ressuscitar hoje a prática dessas violências condenadas?

Admitamos, porém, que isso era possível... Sim, admitamos que uma *superintendência*, com mão forte, sobre o trabalho do «preto» (o tal *despotismo paternal* de que nos falou Russell Wallace) viria a produzir em Angola os resultados miraculosos de Java, ou (servindo-nos tambem das palavras de Oliveira Martins) que *«poderíamos explorar em proveito nosso o trabalho de uns milhões de braços, enriquecendo-nos á custa d'elles»*. Eu pergunto apenas se a nossa ambição deveria contêr-se em transformar aquella Angola

«...un giardino, un'eterna primavera, la ricchezza».

num sobado imenso, de *«libatas»* sôrdidas e de batuques ruidosos, onde o «preto»,—convertido em proprietário agricola e sorrindo dos *«homens olheirentos e côr de cidra»* que nas feitorias da costa ficariam a representar a *raça dominadora*,—decerto se julgaria na... Republica da Libéria.

Pensemos no que seria Java se, desde 1850, uma outra orientação, chamando á terra o capital e o colono, não houvesse tornado possível a criação de cidades como Batavia (Weltevreden), Soerabaia, Samarang, Bandoeng, e Malang; de plantações-jardins como as das residencias de Preanger, de Kadoe e de Pasoervean; de sanatórios como os de Tosari, Soekaboemi, Tegal-laga, Sindanglaja e

Salatiga; de estabelecimentos scientificos como o Instituto Botanico de Buitenzorg; e, sobretudo, não tivesse permitido que cêrca de 70.000 holandeses ali estivessem hoje a ameaçar a riqueza que esplende nos seus edificios e fartamente concorre para o engrandecimento e bem-estar da sua pátria. A Java de antanho tem ainda agora a sua imagem viva nos lôbregos *«kampongs»* de Soerakarta e Djokjakarta, e nenhuma razão teria a Holanda para erguêr a cabeça com orgulho se naquela miséria houvesse parado toda a ambição da sua obra.



Objectar-me-hão, talvez, que as palavras do sr. Filomeno da Camara não me autorizam a supôr que estivesse na intenção de S. Ex.^a resolvêr o problema de Angola apenas com o fomento da agricultura indigena. E' exacto... S. Ex.^a, muito claramente, estabeleceu dois capitulos para a *organização do trabalho*, e um d'esses capitulos seria... a *regulamentação do trabalho assalariado*. Logo, tambem se contava com o fomento da agricultura europeia para se atingir o *desideratum* sonhado.

Mas uma coisa faltou demonstrar-se:—se a população de Angola ofereceria possibilidades de realizar os *dois fomentos* conjuntamente, ou, por outras palavras, se, mobilizando-se para a agricultura particular, todo o pessoal de que ella carece, ainda sobriariam braços para o aumento da produção indigena.

E' claro que numa colônia como como Java, onde em 131.499 kilometros quadrados de território se amontôa uma população de mais de 30 milhões de habitantes, não haveria motivo para uma preocupação desta natureza. Mas em Angola, onde nem mesmo se poderá provar que existam os 5 ou 6 milhões que o sr. Filomeno da Camara computou, é questão que não pode sêr desprezada... porque é fundamental. E como eu tenho a *certeza absoluta* de que os *dois fomentos* são incompatíveis, porque para tanto não chega a mão de obra da Provincia, eis porque divaguei primeiramente sobre a conveniencia ou inconveniencia de se pensar em fazer de Angola uma *colônia... á Daendels*, com absoluto desprezo pela agricultura particular. Desta forma, e excluída a minha preferéncia por tal processo de... enriquecimento, vejamos o que nos será licito esperar da agricultura europeia quanto ao aumento da produção, na sua dependencia absoluta dos recursos que a Provincia oferece em braços e do capital de que dispõe.

Deve existir na Repartição Superior dos Negocios Indigenas, em Loanda, o valiosissimo processo do

inquerito realizado no ultimo trimestre de 1923, para execução da P. F. n.º 148, de 6 de Agosto do mesmo ano, com numeros que nos dispensariam de fantasias se, porventura, já estivessem publicados. Esses numeros garantirão, de forma iniludível, que nem toda a população de Angola, desde os velhos ás criações de peito, bastaria para cultivar a terra dos milhões de hectares que ali se demarcaram ou se concederam.

E porque digo eu isto? Porque tenho na minha frente os numeros exatos do inquerito a que se procedeu no Distrito que tive a honra de governar (Cuanza-Sul), e que firmei nas declarações dos próprios interessados.

Vejamos esses numeros:

São 77.800 kilometros quadrados que o Distrito conta, com uma população de 234.043 habitantes, sendo 112.644 varões e 121.399 fêmeas. Respondegam ao inquerito 151 propriedades agricolas, com uma área demarcada de 377.621 hectares, dos quaes 64.091 hectares se dizem em estado de cultura. Para S. Tomé, calculou o distinto engenheiro-agrônomo, sr. Egidio Inso, que seria necessário um minimo de dois trabalhadores por cada hectare. Pois acéitamos esse *minimo*, que ainda seria pouco para terras a desbravar e plantar, já por aí se vê que nem toda a população triplicada (com inválidos e infantes de cueiros dados ao rol) chegaria para se pôr em estado de cultura toda a superficie demarcada. E, até para a regular exploração da área que se diz aproveitada, seria necessária mais de metade da população total,—o que é um absurdo.

E' certo que a tanto não montam (nem podem montar) as exigências actuais dos agricultores, porque a sua acção tem de limitar-se á existência em capital disponível,—e este é uma pequena parcela do que seria reclamado pelo aproveitamento daquela área colossal. Mas, porque ella se demarcou e ainda não foi abandonada, logicamente se deduz que as intenções são... cultivá-la, e eu pergunto—com que gente? Já não pergunto—com que dinheiro? porque esse, com os ganhos obtidos no decorrer dos anos,—e tal como geralmente succedeu em Angola,—bem poderia aparecer. Mas os braços... onde ir buscá-los?

Mesmo para as exigências presentes, consideremos as dificuldades que ha em satisfazê-las:—nas suas declarações, a agricultura, o commercio e a industria, pediam, em homens válidos, o seguinte pessoal:

Agricultura para (campo e cargas)	31.137
Comércio (para transportes).....	11.107
Industria	1.339
Soma...	43.619

Os serviços do Estado, ou que como tais se consideram, reclamavam, por sua vez:

Nas circunscrições	4.990
Nos caminhos de ferro	2.800
Na Companhia do Petróleo	735
Soma ..	8.525

Era, portanto, um total de 52:144 homens para toda a actividade económica e construtiva do Distrito. Isto... por semestre; porque é assim que o preto trabalha e nem doutra forma poderia sêr. Consequentemente, as necessidades viriam a sêr representadas por 104:288 homens anualmente, e, em todo o Distrito, os recenseamentos apenas acusavam a existência de 82:540 indigenas do sexo masculino, com a idade legal do trabalho, entre os 16 e 45 anos. Quere dizer: —um deficit annual de 21:748 trabalhadores!

E repare-se bem que a agricultura pedia apenas um homem para cada dois hectares de terras cultivadas,—o que é insignificante. Com tão exíguo pessoal, nada mais será possível do que explorar-se o que existe,—e assim se verifica que muito longe não poderá ir a nossa esperança de progresso no que respeita á produção.

E não se pense que nos outros Distritos as circunstancias serão mais favoráveis: pelo contrario, tudo indica que no Zaire, no Cuanza-Norte, em Malanje, em Mossamedes e na Huila, não de sêr muito peores. As populações reunidas do Congo e do Zaire não chegariam a consentir uma exploração regular dos 194:600 hectares que no Zaire estão demarcados. As de Malanje e do Cuanza-Norte, onde a área das terras occupadas excede largamente a do Cuanza-Sul, nem mesmo consentirão o aproveitamento integral da riqueza já criada. Em Mossamedes e na Huila, a população é uma miséria. A Lunda, o Moxico, o Cubango e os Luchazes, são terras quasi despovoadas. Só em Benguela e no Bié a população abunda; mas não nos esqueçamos de que essa população é aquela que das suas lavras está colhendo o trigo que a Província consome e que fez subir a exportação de outros cereaes e leguminosas ás 45:000 toneladas de 1922, alimentando as ridentes povoações

comerciais que no planalto se criaram.

Duma forma geral, a situação é esta:—por um lado, mais de três milhões de hectares, occupados pela agricultura, a pedirem braços... e a Província inteira a dizer-nos, pelos mapas da Fazenda, que não dispõe de mais de 700:000 contribuintes indigenas,—numero que representa a quantidade máxima dos seus trabalhadores; por outro lado, a população, obrigada a produzir nada menos de 800:000 toneladas de géneros para seu sustento próprio... e ainda reclamada para aumentar (até onde?) as 80 mil toneladas de mercadorias que a Província já exporta. Será isto possível?—Eu duvido. E, reparando mais uma vez em Java, verifico que a sua população, com uma densidade de 230 habitantes por kilómetro quadrado e um século de intensa vida agricola estava exportando, em 1907, apenas 17 milhões de libras de mercadorias, havendo um capital enorme a fomentar a agricultura; a população de Angola, reduzida á densidade mísera de 2,5 habitantes por kilómetro quadrado (calculando por excesso), conseguira dar-nos, em 1922, uma exportação de cerca de 1 milhão de libras,—o que me não parece desconsolador.

Não basta constatar-se—como o sr. Filomeno da Camara frisou—que a produção de Angola (a que se exporta) é insignificante, valendo muito menos que a da *minúscula* S. Tomé. O valor é dependente da *qualidade*. Só pela *quantidade* se pode medir o *esforço*; e a tonelagem saída de Angola excede largamente a que sai de S. Tomé.

Houvesse gente (e dinheiro) que, para se deixar na sombra a rica exportação de S. Tomé, bastaria apenas o aproveitamento capaz, na ubérrima região do Maíombe, dos 139:606 hectares... da Companhia de Cabinda. Mas, se para os 60:000 hectares cultivados de S. Tomé existem cerca de 40:000 serviços e se julgam precisos 120:000, os terrenos da Companhia de Cabinda exigiriam um mínimo de 90:000 «pretos»... tendo, porém, necessidade de 250:000. E' claro que, para tanto, não bastariam os seus... 10:000 contos de capital. Mas também mal che-

gariam para ela, com a substituição semestral, todos os homens válidos e disponíveis da Província.

Evidentemente, o sr. Filomeno da Camara apenas calculou a *insuficiência da produção* relativamente á extensão do território, abstraído do *quantum* da população e até... do capital. Será admissível este critério? Eu creio que o seu erro fica em evidência, e mal iria á Província se, para desafogar-se da tremenda crise em que se debate, não houvesse outra... salvação.

Mas o maior erro foi têr-se deslocado a questão do seu verdadeiro campo para um campo... de ilusões,—e isto se demonstrará.

A. Leite de Maalhães

No próximo número:

A crise de Angola—Reabilitação da balança commercial—A singela his'oria da crise

PROCURAM REPRESENTANTES
— PARA A VENDA DE —
PERFUMARIAS, PASSAMANARIAS E ARTIGOS DE PA-
— — — PELARIA — — —

Cruz Machado & Castanheira, Limitada
RUA GOMES FREIRE, 87-1.º—LISBOA

Quando as febres palustres deixam de obedecer ao quinino, deve empregar-se a «Paludina», que dá excellentes resultados nas febres palustres biliosas e perniciosas. Pedir instruções a «Sanitas»—T. Carmo, 1—Lisboa.

Companhia Nacional
DE
PRODUTOS COLONIAIS, L. DA
Rua dos Fanqueiros, 15 — LISBOA
Instruções sobre cacau,
café, cera, cecconote e couros

Seromenho, Silveira & Carvalho, L.^{D.}

Codes: A. B. C. 5.eme Edition et BENTLEY'S

Especialidade em conservas de peixe
Fabricas nos melhores sitios de pesca
Fabricações esmeradas

Calçada de S. Francisco, 23, 2.º

LISBONNE

Especialité en conserves de poissons
Usines sur les lieux de pesche
Qualité choisée

Telegramas: SOSICAR — LISBONNF

Specility preserved fish
Factories on the best fishing spot
Highest quality



Mozambique

IRRIGAÇÃO DO VALE DO LIMPOPO

(Continuação)

Dos benefícios e riqueza que a irrigação do Alto Limpopo deve dar á Provincia, é quasi desnecessario falar. Qualquer pessoa medianamente ilustrada conhece hoje de sobejo o que poderosamente tem contribuido para a riqueza e engrandecimento da Hespanha, Estados Unidos, Cuba, Italia, Hawaii, India Inglesa e, de uma maneira geral, todos os países onde a agricultura é olhada com olhos de ver, de sorte a tirar da terra tudo que ella é capaz de dar.

Bem perto de nós, aqui a dois passos, na União Sul Africana e Rhodesia, ha exemplos que bem merecem ser tomados para modelo.

Na União destacam-se:

As obras de Hidraulica Agricola para o aproveitamento do Lago de Mentz, a 42 milhas de Janseville, no Sundays River, cuja bacia de recepção abrange 6.300 milhas quadradas e a area irrigada 18.000 hectares, tendo a barragem, já construida, 378 metros de largura na crista e 34 metros de altura:—

A albufeira de Hartebestpoort, no rio dos Crocodilos, fechada por barragem de beton doseado a 1:3:6: com perto de 50 metros de altura na maior secção transversal, e creada no intuito de servir a superficie abrangida pelos caminhos de ferro de Pretoria a Rustenburg e de Pretoria ao rio Magalis;—

Os trabalhos de irrigação dominados pela barragem de Kamanassie para rega de 14 mil hectares:—

Os de Van Reynevelds Pass; Tarka; Grass Ridge; Bon Accord; Rio Kaffir; e Rio Blidge,—os quais nos mostram bem a importancia que o milho e meio de visinhos brancos, situados logo aqui á ilharga de Moçambique, (que faz cidades como a de Johannesburg com 300 mil habitantes brancos, em menos de 30 anos) e o seu Governo, dão ao problema da irrigação da terra.

De passagem pela Rhodesia tivemos tambem ensejo de ver as obras dos açudes do Valle de Mazoe e Cleveland, proximos de Salisbury, cujo alcance e importancia agricola é deveras acentuada.

Entre nós mesmo, e com prazer o citamos por ser um dos poucos exemplos de perfeita compreensão do papel da agua na agricultura sob a forma de rega, e por se tratar de uma empresa bem genuinamente portuguesa, são merecedores de referencia os trabalhos de irrigação da Companhia do Buzi, na Beira. Compõe-se o estudo deste trabalho, (em que colaborou um dos engenheiros mais distintos da especialidade, o Prof. Ruy Mayer, um dos poucos que em Portugal melhor tem encarado o problema da rega das terras.)—de uma grande barragem de 500 metros de desenvolvimento na «crista» e 17 de altura na maior secção transversal e de um canal de perto de 48 kilometros de comprimento para irrigar 16 mil hectares de terreno, cuja analyse ficou atraz indicada, destinados á cultura da cana sacharina, milho, algodão e arroz. Este systema de irrigação é servido por uma rede completa de canais primarios e secundarios, quer para a rega, quer para o enxugo das terras.

Ainda ácerca do artigo referente a Moçambique publicado na «GAZETA DAS COLONIAS» devemos dizer que reparamos bem nas ultimas palavras do distincto Mestre, sr. General Freire de Andrade; mas ao relê-las acudiram-nos á memoria os resultados a que a Hespanha chegou ao encarar de frente o problema da irrigação e da fixação dos seus filhos á terra, após a adopção da grande politica de Hidraulica Agricola que todos conhecem e que todos admiram ou são forçados a admirar. Essa politica, que tem feito tão grande todo o levante hespanhol, pode ser definida pelas conclusões do Congresso Nacional de Riegos, de 1913, as quais ros não furtaremos a transcrever para aqui, embora isso «becomes monotonous in a paper like this»:

a) — «Em cultivos de sequeiro a maior parte das vezes o desenvolvimento das plantas e dos cereais é

tão insignificante que mal dá para cobrir a despesa feita:

b) — «Os maus exitos na exploração agricola, tornam a vida impossivel e favorecem a emigração;

c) — «é obra deveras patriótica transformar os terrenos de sequeiro em terrenos de regadio, devendo empregar-se nesse objectivo o maximo de energia e atenção;

d) — «a irrigação influe no fomento pecuário, porque ter agua de rega é ter prados, é dispor de carne, de leite, de lã, de saúde e riqueza para intensificar os cultivos. Por uma lei automatica os prados perfeccionam e aumentam os gados, e estes por sua vez, perfeccionam e aumentam os cultivos;

e) — «a irrigação na propriedade pecuária suprime o regimen pastoril, de alimentação escassa e intermitente. (1)

São interessantes alguns numeros relativos á diferença de produção entre os terrenos de sequeiros e os de regadio. No Buzi, nos terrenos cultivados com a cana de assucar, tivemos ensejo de registar, para igualdade de condições de terreno e variedade cultivada, que os talhões ir-

(1) \ proposito do valor da irrigação na propriedade pecuaria da Provincia, gostosamente registamos os seguintes periodos tirados de um estudo ácerca da pecuaria de Moçambique devido ao medico veterinario, Dr. Antonio Aires, que aliadas a um caracter de português de velha tempera, possui as mais belas qualidades de trabalho: «O melhoramento do gado bovino no sul de Lourenço Marques poder-se-ha fazer se, a acompanhar os serviços de sanidade pecuaria modelarmente estabelecidos por quem actualmente os dirige — o ilustre medico veterinario Dr. João Botelho — o Estado criar os serviços zootecnicos e promover o desenvolvimento da agricultura, levando a cabo as projectadas obras de irrigação nos vales banhados pelos rios do distrito de Lourenço Marques e antigo de Giza.

Desta forma poder-se-ha economicamente melhorar a alimentação dos gados, substituindo por prados de excelente forragem o capim-gramina espontanea de fraco valor altriz, etc.»

rigados dão em media mais 60 % que os de sequeiro.

A irrigação produz quasi sempre um equilibrio na produção da terra, e dá á agricultura meios de utilizar todos os conhecimentos scientificos da sciencia agronomica; e, como com a sua pratica se obtem a certeza das colheitas, desenvolve-se o credito agricola e o sindicato, (a instituição mais poderosa dos tempos modernos), facilita-se o aparecimento de dinheiro barato e da ampliação do espirito rural, e cria-se a harmonia entre a terra e o capital.

Do relatório da visita ás zonas de regadio de Hespanha e Italia, que realisamos ha um ano, apresentação á Direcção Geral da Instrução Agrícola, são os numeros que se seguem referentes á influencia da irrigação no desenvolvimento da Provincia de Terragona, na Catalunha:

Região de Amposta servida pelo Canal do Ebro

Terrenos de comparação	Em terreno não irrigado	No mesmo terreno depois de irrigado
População	2.075 habitantes	4 962 habitantes
Valor de 1 hectare de terreno	4.700 pesetas	4 934 pesetas
Contribuições	3.95 pesetas	158 598 pesetas
Numero de fogos	616	1.373
Valor das colheitas	100.000 pesetas	5 500 000 pesetas
Mortalidade	3 1/2 %	2 1/4 %

As conclusões do Congresso de Riegos são a doutrina ensinada e dessiminada pelos paizes que tem uma noção perfeita do que deve ser a exploração agricola, e de que deve ser a fixação do homem á terra que lhe dá o sustento, que lhe dá a vida a si e aos seus.

É da certeza dos bons resultados na exploração agricola que nasce o amor do colono á terra. Mas para que haja aqueles bons resultados é indispensavel colocar o trabalhador fora da mercê do tempo, da mingua das chuvas ou da sua excessiva abundancia, o que só se consegue com obras de rega e drenagem bem pensadas e bem executadas, animadas de uma vontade bem firme e decidida para levar a cabo trabalho dignificador e persistente, lembrando-nos cada vez mais que é indispensavel provar que ainda existimos e que

nos impele a noção arreigada de que temos direito a viver, direito á nossa independencia, e direito á nossa soberania, porque trabalhamos e sabemos trabalhar, porque colonisamos e sabemos colonisar e não porque, como bastas vezes tem sucedido, vivemos da lembrança de que «ha nos mares do oriente uma ilha, onde debaixo de um coqueiro, á beira de um arroio, estão quatro indigenas de carapinha branca e tanga suja, ocupados de cócaras a respeitar Portugal!» (1).

Lourenço Marques, Set. de 1924.
TRIGO DE MORAES.

(1) Eça — Notas Contemporaneas.

Numeros especiais

A «Gazeta das Colonias» tenciona editar, em cada ano, um numero especial dedicado a cada uma das nossas Provincias Ultramarinas.

Esses numeros destinam-se, sobretudo, a fazer um cuidado registo de todo o progresso das nossas colonias, pondo ao mesmo tempo em destaque, os factores do seu desenvolvimento, comercial, industrial, agricola, etc. e as suas necessidades mais iustantes.

Os numeros especiais, que serão largamente illustrados, deverão constituir um valioso meio de propaganda do nosso esforço de colonisação.

Para eles espera a «Gazeta das Colonias», toda a colaboração dos nossos coloniais, no sentido de tornar tão proveitoso quanto possivel o esforço que dispendirá com a sua iniciativa.

P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a espécie:

LOCOMOTIVAS, ZORRAS AUTOMÓVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.

Conserva stocks permanentes para entrega imediata

FABRICANTES | Koppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.
| Pennsylvania Car and Manufacturing Corp.³

Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e cores Muralo «Murie», preservativos de madeiras em variadas cores, telhas e chapas de asbestos, etc., das melhores marcas.

Secção de Madeiras

Possuimos em armazem, para entrega imediata, madeiras da Provincia das melhores qualidades, em pranchões, barrotos e taboas, assim como travessas para camions de ferro, paus para minas, etc.

Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira, Copra, Amendoim etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo- metro 1 para Deposito de Mercadorias.

Officinas de Serração, Fabrica de Mobílias, Portas, Janelas Aros, etc. movidas a Electricidade.

TELEFONES | Escritorio 400
| Estancia 493

LOURENÇO MARQUES



Índia

CRÉDITO AGRÍCOLA

O Diploma Legislativo n.º 89, publicado no Boletim do Governo Geral do Estado da Índia, inseriu as bases da organização das *Caixas de Crédito Rural (C. C. R.)*, determinou a sua regulamentação e decretou o seu funcionamento a partir de 1 de setembro passado.

Várias têm sido as tentativas para se instituir na Índia Portuguesa, em bases seguras, um sistema de *crédito rural* que eficazmente contribua para um sensível progresso da agricultura local; por motivos diversos, nenhuma dessas tentativas conseguiu a conveniente realização. A solução de tal problema impunha-se ao Governo da Índia, que, como diz o breve relatório que precede o decreto *«é um país onde a pulverização da propriedade rústica atinge proporções colossais; onde entre cerca de 46.000 contribuintes da predial, pou-*

co menos de 42.000 pagam contribuições inferiores a 50 rupias anuais; onde, mercê das crescentes exigências das classes trabalhadoras, mal se distingue, como regra, o pequeno proprietário do trabalhador rural; onde indispensável se torna uma assistência carinhosa ao pequeno e médio proprietário, pois nêle está a principal força produtora da Colónia, o mais fundamental elemento do seu progresso material...»

Foi certamente reconhecendo isso, que o Governo da Índia dedicou as suas atenções ao assunto e procurou realizar, na organização decretada, uma das mais importantes condições de progresso da Província.

Concordes as opiniões sobre a necessidade duma tal instituição, discordam, porém, sobre o *modus faciendi* adoptado.

A Imprensa Indiana, constituída

por numerosos órgãos que são outros tantos paladinos do progresso do país, tem dedicado ao assunto brilhantes artigos, em que a discussão se faz com a mesma fé e a maior elevação, de ambas as partes.

Dada a importância do assunto, não podia a «Gazeta das Colónias» alhear-se do seu estudo.

E' pela pena-brilhante do sr. dr. Brito Camacho, o introdutor do Crédito Agrícola em Portugal, que esse estudo vai ser feito.

E' com verdadeiro prazer e profunda gratidão que registamos a amável acedência á solicitação por nós feita junto de S. Ex.^a, pois que a especial competência que para o assunto possui, aliada ás suas brilhantes faculdades, são uma segura garantia de que o serviço que a «Gazeta» pretende prestar á Índia, será assim altamente valorizado

FOMENTO AGRÍCOLA

Por proposta da Direcção dos Serviços Agrícolas, Florestais e Pecuários, foi publicada no *Boletim Oficial* a divisão do Território em 3 zonas, cada uma das quais fica a cargo dum técnico agrícola e pelas quais são distribuídos os serviços pela seguinte forma:

I

Ensaio sobre amanhos do solo, adubação com adubos orgânicos, minerais e mixtos e outros processos aperfeiçoados de cultura dos diversos produtos da respectiva região e propaganda intensa dos resultados obtidos.

II

Distribuição de trabalhos por especialidades.

A—Pelo chefe da zona agrícola do Norte, sr. Bragança Pereira, Fitopatologia:

a) Reconhecimento e classificação das doenças e inimigos das principais culturas de Goa.

b) Propaganda dos meios de combate e das medidas preventivas.

Maquinas:

a) Ensaio e propaganda das maquinas destinadas para o aproveitamento dos produtos da horta e pomar, sobretudo para as pequenas industrias domesticas.

B—Pelo chefe da zona agrícola do centro, sr. José Antonio da Piedade Miranda.

Arroz:

a) Estudo comparativo das principais variedades de arroz e a sua adap-

tabilidade ás diversas condições agrológicas de Goa.

b) Estudo do custo de produção do arroz sob varias condições agrícolas e economicas.

c) Aperfeiçoamento da cultura pela selecção.

Maquinas:

a) Ensaio e propaganda de maquinas de irrigação.

C—Pelo chefe da zona agrícola do Sul, sr. Correia Afonso.

Coqueiro:

a) Reconhecimento das variedades de coqueiro e a sua adaptabilidade ás diversas condições agrológicas de Goa.

b) Ensaio detalhados sobre espaçamento, profundidade de sementeira, época de transplantação, escolha de sementes por épocas de colheita, etc.

c) Custo de produção de côco.

d) Aperfeiçoamento da cultura pela selecção.

e) Industrialização e comercialização dos produtos do coqueiro. Propaganda dos metodos.

Cana sacarina:

a) Estudo da adaptabilidade de diversas variedades de cana sacarina ás condições telurico-climaticas de Goa.

b) Ensaio dos processos aperfeiçoados da extracção do sumo e fabrico de jagra de cana.

c) Estudo da possibilidade de produção de açúcar de cana nesta colonia.

Maquinas:

a) Ensaio e propaganda de alfaias e maquinas de lavoura.

III

Estudo geral das condições agricolas

de cada zona nos termos do seguinte programa:

A—Caracteres físicos:

1—Feições climaticas

2—Geologia

3—Solos

4—Possibilidade de irrigação e condições de drenagem

B—A terra:

1—A propriedade e os proprietarios

2—As comunidades agricolas

3—As terras do Estado

4—Os incultos.

C—Condições de cultura e produção:

1—Cultura de plantas economicas

2—A vegetação natural

3—Os instrumentos e as alfaias agricolas.

4—Os adubos.

D—Condições pecuárias:

1—Gado.

2—Pastagens naturais.

3—Forragens.

E—A população rural:

1—As condições economicas e o custo de vida.

2—Vias de comunicação.

3—A escola primaria nas suas relações com a agricultura.

4—A mão de obra.

5—A emigração.

F—As industrias rurais e domesticas.

G—Pesca e caça.

H—Higiene rural:

1—Alimentação do povo.

2—Habitações rurais.

I—Conclusões e recomendações.

SÁ LEITÃO & C.^A, L.^{DA} R. DA MADALENA, 45, 1.^o
LISBOA
— Teleg.: "MONDEGO" — Lisboa —

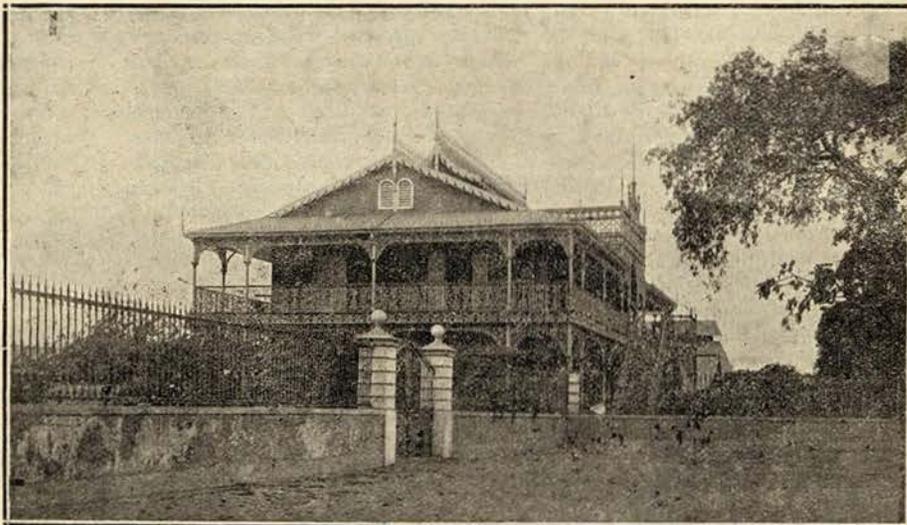
Importação e Exportação

directa das suas casas em **ÁFRICA** de todos os produtos de **ANGOLA** (Africa Occidental Portuguesa)

Café, Cacau,
Coconote, Óleo de
palma, Urzela,
Borracha, Cera de
abelha, Goma
copal, Marfim etc

Em deposito para
fornecimentos:

Fazendas, Quinquilarias,
Géneros alimentícios, fer-
ramentas, Vinhos, Óleos e
variadíssimos artigos da in-
dustria nacional e estran-
geira



DEPENDENCIAS DE LOANDA

AGENCIA FOX

Tel | fone C. 1352
grama FOX Lisboa

A organização e a criação desta Agencia, obedecendo ao intuito de proporcionar ao publico, em especial ao publico que viaja, facilidades e comodidades, foi organizada nos moldes das suas congéneres no estrangeiro, com um pessoal escolhido e habilitado.

A função da gencia Fox é puramente de caracter comercial, e é nesse sentido que tem organizados os seus diversos serviços distribuidos pelas seguintes secções:

- a) Secção de informações e investigações comerciais e particulares e vigilancias.
- b) Secção de turismo.

A primeira destas secções é dirigida por um ex-funcionario superior da Policia de Lisboa e tem um nucleo de habéis agentes, trabalhando com absoluta discreção e seriedade, o que garante o valor dos seus serviços, já hoje procurados e utilizados por todas as classes.

Os serviços de Turismo estão a cargo duma

secção especial comfiliais, por em quanto, na Rocha Conde d'Obidos, Terreiro do Paço e no Rocio, com um pessoal escolhido e educado, falando o francês, o inglês e o alemão; encarrega-se esta secção de obter passagens em todos os comboios das linhas do Norte, Oeste, Sul e Sueste e no «Sud-Express», reservas, alojamentos em todos os hotéis do país e visar passaportes.

Encarrega-se tambem esta secção do transporte de bagagens dos passageiros em transitio, dos vapores que fazem o nosso porto com ligação com o «Sud Express». Nas filiais recebem-se radios e telegramas para qualquer país do mundo, que serão imediatamente enviados para a Central Telegrafica, telefonemas, vendem-se se los para correspondencia, etc., etc.

A Agencia Fox tem ainda devidamente montado na sua Filial da Rocha Conde d'Obidos um serviço de excursões, com pessoal habilitado e educado a preço reduzidos, para Lisboa, seus arredores e no Pais.



Macau

INTERESSES DA PROVINCIA

PUBLICAMOS no nosso 8.º numero uma carta em que se comentava favoravelmente a proposta feita pelo governo de Macau para a redução a Nacional, do Liceu Central daquela cidade. Hoje recebemos uma outra carta, que a seguir publicamos na integra e em que tal medida é condenada.

Nesta ultima carta parece pretender-se attribuir á primeira o intuito exclusivo da defêsa dos actos do governador, Sr. Dr. Rodrigo Rodrigues; entendemos que não será assim e que tanto um como o outro dos nossos presados correspondentes terão norteado a sua attitude pela mesma forma que nós—despreocupando-se das pessoas, para só atender aos principios e aos interesses legítimos—.

Traduzem os dois documentos opiniões opostas, que entendemos ser dever nosso registrar, no proposito de fornecer á opinião publica os convenientes elementos para formar o seu juizo.

Sem querer manifestar um juizo decisivo, que solicitaremos de alguem que mais justamente o possa formar, não deixaremos porém de sinceramente confirmar o nosso pendor para a doutrina da carta ultimamente recebida, a qual reforça a impressão em nós produzida pelos argumentos que no mesmo sentido foram apresentados pelo illustre Senador por Macau, o sr. Francisco A. da Silva.

Lisboa, 20 de Outubro de 1924.

Ex.^{mo} Sr.

No n.º 8 da «Gazeta das Colonias», distinta publicação que V.... dirige, vem uma carta sobre interesses da provincia de Macau que, afinal, se resume na defeza de actos do Governador, Sr. Rodrigo Rodrigues, deixando-o, é certo, perante a Associação do Livre Pensamento, de que S. Ex.^a é socio, depois do 5 de Outubro, numa situação comprometedorá.

Mal dirá o Sr. Rodrigo Rodrigues

a tal defeza, visto, a estas horas, ella já dado origem a explicações sem numero, afirmando-se, sobre as intenções de S. Ex.^a, quanto á ida das religiosas portuguezas para Macau, que nunca pensára em semelhante desatino, nem tivéra a ideia de ligar o seminario diocesano ao liceu, como se dizia na carta que a «Gazeta» publicou e, de facto, era voz corrente em Macau.

Propoz, contudo, o Sr. Rodrigo Rodrigues, e isso ouvimos-o confirmar, que o Liceu voltasse a ser Nacional, como grande medida económica!

E' o que peço licença para contetar com elementos que ponho á disposição de V...., porque se trata de um assunto em que o Ministerio das Colonias deve ser bem esclarecido e o Ministro deve julgar fóra de qualquer sugestão.

Durante algum tempo houve em Macau uma grande relutancia, por parte das familias macaenses, em matricular os filhos no liceu e mais ainda, em os fazer concluir o curso complementar, por duvidarem dos beneficios materiaes que d'ahi podessem advir.

Hoje, porém, os filhos de Macau começam a vêr os resultados alcançados por alguns alunos que ahí concluíram os seus cursos e na metropole, nas Escolas Superiores, vão testemunhando o seu valor, não limitando as suas aspirações a simples caixeiros de casas comerciais no Oriente, mas levando as suas legítimas ambições a concorrerem a logares publicos na metropole, procurando mesmo n'outras colonias, nos quadros de engenharia e da magistratura, logares a que teem incontestavel direito.

E, assim, ao contrario do que afirma o Governador Sr. Rodrigo Rodrigues, a população do liceu de Macau não tende a desaparecer mas a augmentar, desde que se facilitem os meios de qualquer aluno poder lá concluir o seu curso completo.

E, portanto, o facto d'este ter tido, a principio, uma reduzida fre-

quencia e trazer pequeno augmento de despeza para a Colonia, não constitue razão para tolherem aos macaenses os meios de poderem ser prestaveis ao seu Paiz, nos diversos ramos da actividade social, a que desejem concorrer.

Se até aqui muitos, mercê do valor da pataca, teem podido vir estudar á metropole, não quere dizer que amanhã, valorizando o nosso escudo possam continuar a fazê-lo á sua custa.

Quere o Sr. Rodrigo Rodrigues economisar dinheiro á provincia? Dê o exemplo, restituindo-lhe o que indevidamente, tem em seu poder, visto ter exigido do Estado passagens para si e para o seu sequito na mala ingleza e comprando depois bilhetes a uma Companhia Japoneza, para um navio mixto de carga e passageiros, onde seguiu, de facto, até Hong-Kong. E agora andando a passeiar pelo estrangeiro á custa da Colonia ha uns poucos de mezes pretextando uma representação, que ella não concedeu, e conseguindo ultimamente, mais outra viajata á sombra da questão do opio, com os seus vencimentos e com oito libras (por dia!!!) E como justifica a sua attitude deixando ficar em Macau a Família; para reclamar lhe fossem lá pagos grande parte dos seus vencimentos em patacas, quando a alguns funcionarios nas mesmas circunstancias, e com maiores dificuldades de vida lhes foi negado equal direito?

A autonomia financeira concedida ás colonias, encarou-a S. Ex.^a sob um ponto de vista muito limitado á sua pessoa, subjectivamente falando.

Ha mais; mas não desejando tirar o caracter grave que assignala a «Gazeta», tão inteligentemente dirigida por V...., conservo para as folhas dos «Ridiculos», se o seu director m'o permittir, chronicas muito curiosas da vida official d'este governador, em que de modo algum o criterio economico foi o que o preoccupou.

O que sobreesae, n'este caso do li-

ceu de Macau, é só politica muito pessoal e não o desejo de pôr em prática uma medida economica.

Por isso estou de accordo com o auctor da carta, quando diz: A questão da instrução n'esta colonia devia merecer atento estudo, feito não por quem pretenda fazer dela politica, mas por quem esteja com o fito unico de favorecer os interesses do Paiz e de modo, portanto, a evitar a desnacionalisação de muitos macaenses.

Ha que gastar dinheiro em Macau com a instrução como meio de evitar a desnacionalisação de muitos macaenses.

E em vez de S. Ex.^a comprar casas para legações e consulados á custa da colonia em condições ruinosas como reconheceu o Conselho Colonial, e sem que este encargo lhe devesse ser atribuido, melhor fôra que applicasse uma parte d'esse dinheiro á Caixa de Auxilio, destinada a subsidiar os estudantes macaenses, classificados, que quizessem vir á metropole frequentar as escolas superiores e se reconhecesse não terem meios para o fazer.

Poupava ainda dinheiro o illustre governador e veria como o liceu passava a ter na 6.^a e 7.^a classes uma população muito superior á que tem tido.

Além d'isso vae-se dar um facto muito importante para a vida da colonia: construido o porto de Macau e estabelecidas naturalmente carreiras de navegação para a metropole e estreitadas as relações da colonia do extremo-Oriente com a India e com a Africa é de presumir que Macau desperte do marasmo em que tem vivido e que novos campos de acção se abram para seus filhos. Temos que proporcionar, fatalmente, uma educação mais completa e mais adaptavel ás circumstancias que devem concorrer para tornar o macaense apto a desempenhar, não só no commercio, mas em funções publicas, uma missão para que raras vezes, infelizmente, tem sido chamado e... não se diga por falta de capacidade.

E é n'uma ocasião d'estas, quando se deseja dar aos macaenses os meios necessarios para irem desempenhar cargos de maior categoria, que se propõe a redução do Liceu Central de Macau!!!

O protesto que o Leal Senado dirigiu ao governo contra esta iniquidade teve toda a oportunidade porque se ia, não reduzir despesas, mas desviar talvez para novas compras de consulados e de legações o pouco que a colonia tinha utilmente empregado nos serviços de instrução.

O liceu, á parte dois ou trez professores, que para lá desgraçadamente foram pela politica mandados, é um estabelecimento que honra a colonia e tem preparado para as es-
é um estabelecimento que honra a colonia e tem preparado para as escolas superiores da metropole, alunos que o acreditam.

Podia e devia ter já um edificio especialmente construido e dotações bastantes para o enriquecimento do seu museu, laboratorio e biblioteca.

Isto sim; n'isto se deveria ter empregado o dinheiro que a colonia tem visto desaparecer por tantos lares e tomares.

E' vêr como nas colonias vizinhas de Macau se trata a instrução criando-se cursos, ampliando outros e dotando os estabelecimentos de ensino com tudo que de bom existe. Porque se não faz isto em Macau?

Por falta de recursos, não. Em Macau pretende-se acabar com o liceu central; anda-se para traz.

Diz-se que o numero de alunos que aproveitam com o liceu é muito insignificante, mas o que posso afirmar, sem receio de contestação, é que, no corrente ano lectivo, o liceu de Macau tem 80 alunos, mais do que em nenhum outro ano, prometendo as classes superiores mostrarem nos proximos anos lectivos uma frequencia muito apreciavel.

Aqui tem, Sr. Director, a resposta á carta a que me referi, onde o defensor do Sr. Rodrigo Rodrigues fez, em todo o caso, uma afirmação acertada: E' a que interessa á questão do opio, negando ao governador competencia para em Londres tratar da questão, e lembrando os nomes dos Srs. Oscar Potier e Sanches de Miranda para nossos delegados á conferencia internacional.

Veio a tempo a lembrança, mas o Sr. Rodrigo Rodrigues, julgou-se com capacidade para, por si só, sem mais auxiliares, defrontar-se com delegados de outras nações, cuja experiencia, mandava a boa razão se respeitasse, enviando-se-lhe d'aquí competidores e argumentadores nossos com equal experiencia, e que já haviam dado tão boas provas, e com a bagagem de conhecimentos que possuímos. E' certo que lá está tambem o Sr. Bartolomeu Ferreira, que é nosso Ministro em Berne, mas o Sr. Oscar Potier estere em Shanghai na conferencia que, ali, ha já anos se realizou; estere ainda em Haia, tratando da mesma questão, e foi sempre um admiravel defensor dos nossos interesses; e, pelo menos, o seu nome não devia ter sido esquecido. Certamente, se não recusaria a cooperar, porque ia emprestar, logo de come-

ço á nossa missão, um prestigio que o Sr. Rodrigo Rodrigues nunca teve nem tem.

Onde deseja, pois, S. Ex.^a conduzir os destinos de Macau?

Ha muitos anos que não havia memoria da provincia apresentar um «deficit» no seu orçamento. S. Ex.^a, porém, ao deixar Macau quiz tambem deixal-a n'um regimen deficitario e conseguiu.

A tal respeito o amigo de V. ... poderia informal-o das causas determinantes d'este caso nunca visto em Macau, mas precioso para os seus anaes.

Sou com a maior consideração

De V. Ex.^a

Camarada Admirador ML.^o Al.^o

F. C.

Antigo professor do Liceu de Macau

Nesta carta que vimos de a transcrever, nota-se uma certa veemencia explicavel pelo muito amor que o seu autor dedica a tudo quanto a Macau se prenda e que ao progresso desta Colonia interesse, e referem-se incidentalmente factos a que a imprensa da Provincia tem já igualmente feito referencias.

MANTUA, Ltd.



29 a 37
Calçada de S. Francisco
LISBOA

Fabrica de Agua Oxygenada
PEROXHYDRIL



De todas a melhor

L. B. Bandeira de Melo
Escritório: Rua Augusta, 75-l.^o

LISBOA

Telefone C.—2670 Telegramas—Algodã

DESPORTO

ARTUR
INEZ

Nota preambular

Agita-se presentemente no nosso meio foot-balistico a questão do profissionalismo - questão vehehissima e sempre nova, pela grande soma de revelações curiosas que a todo o momento aparece.

Sou, deliberada e abertamente, contra o profissionalismo no foot-ball, não só por motivos de ordem moral, mas também por entender que o nosso foot-ball não tem ainda uma categoria que lhe permita instalar a profissão de jogador de foot-ball no nosso país.

Considero ainda que a unidade do foot ball nacional perderá muito com a criação do profissionalismo, porque todos os bons jogadores que não possuem meios de fortuna se farão profissionais, em detrimento das nossas seleções nacionais de amadores, que então teriam por desaparecer, a não ser que quizessemos sujeitar o país a pesadas e dolorosissimas derrotas infligidas por países estrangeiros

Mas considero também que a mistura de profissionais com amadores é ainda mais prejudicial, porque é fomentadora da desordem, da indisciplina e principalmente da ruína dos clubs que se dedicam exclusivamente ao amorismo.

E profissionalismo existe, não tenham os senhores disso duvidas al gumas.

Eu, pelo menos, tenho a certeza moral de que ha muitos jogadores que recebem dinheiro por jogar. Mas, infelizmente, como quasi toda a gente, sinto-me impossibilitado de o provar de facto, porque as coisas são sempre muito bem arranjadas e rodeadas de todas as cautelas... não vá o diabo tecer das suas.

O que se torna então myster realisar? Um inquerito comme-il-faut, rigoroso, applicando pesadas sanções a quem as merecer.

Compete este trabalho á União Portuguesa de Foot Ball, que o deve iniciar quanto antes, se não quizer ver-se acusada de favorecer descabeladamente o profissionalismo.

E na União estão pessoas com cuja amizade muito me honro e que sempre tem pugnado pela sã moral do amorismo.

Quero com isto afirmar que me seria muito penoso, como aliás a todos os homens de sport, constatar um indiferentismo por parte da União, que pôde levar o meio do shoot aos horrores do cáos.—A. I.

Foot-ball

O Vitória Foot Ball Club, de Setubal, actual campeão de Lisboa, que acaba de fazer uma magnifica exhibição em Barcelona, tendo perdido no primeiro encontro que teve com a esplendida equipe do Europa por 2-3 e por 2-6 no segundo, sofreu no domingo um grande revez.

O Casa Pia que parece que entrou com o pé direito na disputa do actual Campeonato de Lisboa conseguiu batelo, não sem dificuldade, diz-se em abono da verdade, pelo score de 3 2.

O verdade que no team de Setubal faltava um dos seus, senão o seu mais prestimoso jogador, o meia esquerda João dos Santos, suplente á 3.ª équipe nacional.

O Casa Pia tirou assim a sua desforra da derrota que na época passada lhe infligiu o simpatico club de Setubal, que lhe arrebatou o titulo de campeão de Lisboa, que o Casa Pia tinha já como certo...

O jogo decorreu sem interesse, sob o ponto de vista de tecnica do shoot. Os casapianos dominaram absolutamente no primeiro tempo em que marcaram 3 goals contra 0 do Vitoria.

No segundo tempo porém, os homens da cidade de Elmano lançaram-se desesperadamente na luta e o Casa Pia viu-se em serios riscos para conseguir vencer, visto que os setubalenses lhe marcaram duas bolas, sem que os negros conseguissem aumentar o seu activo. Pode mesmo dizer-se que se venceu, o deveu em parte a um pedacito de chance...

Resumindo, o jogo foi regular e a arbitragem de Salvador do Carmo deixou algo a desejar.

—Na segunda divisão o União Lisboa bateu copiosamente o Chelas, campeão da promoção da época passada, pelo lindo score de 5-1.

Foi um encontro sem historia, de pontapés para a frente desconexos e incompreensíveis.

Arbitrou o sr. Costa, do Sporting, que substituiu Clemente Guerra, que era o árbitro indicado.

O seu trabalho correu parellas com o jogo misterioso desenvolvido pelos dois grupos.

O Chelas deve novamente ir parar á Promoção.

E vamos, que fica lá muito bem...

NAS COLONIAS

O Sporting Club de Benguela ganha a "Taça Municipal" em sports atleticos

Em Benguela realisaram-se recentemente provas de sports atleticos, para a disputa da Taça Municipal.

As provas decorreram sempre com grande entusiasmo por parte do publico e concorrentes e no ultimo dia a classificação foi a seguinte:

Corrida de 100 metros

1.º Pascoal d'Almeida (S. C. B.) 12" — 2.º Mario Fonseca (S. C. B.)—3.º Adelino Chaves (I. F. C.).

Salto em altura com balanço

1.º Pascoal d'Almeida (S. C. B.) 1,70^m. 2.º Mario Fonseca (S. C. B.)—3.º M. Trindade Fernandes (S. C. B.).

Lançamento do Dardo

1.º Pascoal d'Almeida (S. C. B.) 33,16^m. 2.º Agripino Teixeira (S. C. P.)—3.º Francisco Rubeo (S. C. P.).

Estafetas (100x3)

1.º Sporting Club de B.—37" — (Pascoal d'Almeida—Mario Correia—Mario Fonseca)—2.º Imperio Foot-Ball Club—3.º Sports Club Portugal.

1.500 metros

1.º Adelino Chaves (I. F. C.)—2.º Antonio Pessoa (S. C. B.)—3.º Tavares Coutinho (S. C. B.).

Salto em comprimento sem balanço

1.º M. Trindade Fernandes (S. C. B.) 2,62^m.—2.º Pascoal d'Almeida (S. C. B.) —3.º Agripino Teixeira (S. C. P.).

Como se vê, o "nosso conhecido «sportman» Pascoal d'Almeida, continua no uso das suas esplendidas facultades de atleta consumado, pois que ele só, no referido torneio deu ao seu club, que é o Sporting Club de Benguela, uma grande e apreciavel soma de pontos.

O torneio foi ganho pelo Sporting, com um total de 56 pontos.

O Sport Club de Portugal fez 12 pontos e o Imperio Foot-Ball Club alcançou 10.

O Sporting Club de Benguela, bateu pois por grande diferença os seus adversarios e ficou de posse da Taça Municipal.

Luzitano Sport Club do Lobito

Comemorando o seu primeiro aniversario, realizou esta florescente colectividade sportiva nos dias 4, 5, 6 e 7 de outubro passado, interessantes festas sportivas que lograram um grande exito. A sua direcção tem trabalhado incançavelmente, tudo fazendo prever que o Luzitano será dentro em breve um dos melhores clubs de sport de Angola.

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

S. Tomé e Príncipe

Mão de obra

Notícias directamente recebidas por nós, dão como grave a situação da Província, por virtude da falta de mão de obra.

Como se vê o problema continua sem solução, não obstante a formal promessa que o sr. Senador Serra e Moura afirmou ter-lhe sido feita pelo sr. ministro das Colonias...

Por nós continuamos aguardando e... estranhando que em S. Tomé não se pense a sério na adopção de processos mecanicos, hoje já muito conhecidos e suficientemente provados, no sentido de suprir, pelo menos em parte, a falta de mão de obra.

Curadoria dos indigenas

Está preocupando a opinião publica em S. Tomé, o provimento do lugar de Curador, vago pela saída do sr. dr. Antonio Correia de Aguiar, cuja acção naquele cargo, é unanimemente enaltecida.

A proposito, tomamos a liberdade de perguntar ao sr. ministro das Colonias, se não seria interessante a publicação do relatório que, sobre a nossa assistência junto dos indigenas, foi elaborado por aquele ilustre magistrado. Afigura-se-nos que seria muito conveniente essa publicação...

Angola

O restabelecimento da aviação

Precedida de alguns considerandos, todos tendentes a pôr em relevo o valor do empreendimento levado a cabo pelo tenente aviador, sr. Emilio de Carvalho, publicou o Boletim Oficial, em portaria de 3 de outubro, o seguinte:

O Governador Geral, interino de Angola, prestando homenagem ao valor e ao saber do português ilustre que realizou o referido *voad* aereo, ás suas qualidades de audácia, coragem, intelligencia e patriotismo, e associando-se comovidamente ao sentido patriótico da população para consagrar as glorias da Patria, determina:

1.º Que seja louvado o aviador, tenente Emilio Augusto de Carvalho, pelo alto feito com que contribuiu para o bom nome e prestigio da Patria, representando grande valor e significado, que a população tem celebrado com viva emoção patriótica, como manifestação do esforço Nacional e das energias da Raça a que estão confiados os nossos interesses e destinos;

2.º Que pela Repartição Provincial competente e para complemento das aspirações manifestadas pela população civilisada do Norte, sejam feitas as tentativas regulamentares, para que a ilha fluvial de Sacra M'baça seja oficialmente dado o nome do arrojado aviador «Tenente Emilio de Carvalho»;

3.º Que o Chefe do Estado Maior das Forças do Exercito, para complemento das mesmas aspirações, elabore no mais curto espaço de tempo e dentro da mais severa economia, um proje-

to da restauração dos Serviços da Aviação em Angola.

Associamo-nos sinceramente ás manifestações de apreço reveladas nas duas primeiras determinações da Portaria; quanto á terceira, parece-nos merecer alguns reparos que não deixaremos de fazer oportunamente.

Edificante

Sob esta epigrafe publicou o nosso presad. colega «O Comercio» (de Benguela) a local que transcrevemos e que já vai justamente comentada:

Do interior é-nos enviada a carta que se transcreve.

Vae sem aqueles comentarios que o casa pedia porque a faze-los, teriamos de botar cá para fóra toda a nausea e repulsa que ela nos causou.

Simplemente, queremos salientar que ela é um documento deprimente e vergonhoso, quer para nós portugueses, quer para o proprio Banco emissor.

A Santa Casa da Misericordia posue já estas cartas impressas, talvez em virtude da avalanche de papelinhos que até ela chega, tanto em notas—emissão chamico como em notas antigas—*Vasco da Gama*, pois nem estas tem valor na Metropole!

Ex.º Sr.

Junto devolvo a quantia de Esc. 42\$50 que V. Ex.ª me enviara com a sua carta de 27 de Julho 1924, sentindo não poder atender o seu pedido, em virtude das notas do Banco Nacional Ultramarino não terem valor algum nesta praça.

Lembro por isso, a V. Ex.ª quando tiver de fazer qualquer pedido, me enviar a sua importancia em notas do Banco de Portugal, cheque, vale do correio ou notas estrangeiras.

Tesouraria da Misericordia de Lisboa, 27 de agosto de 1924.

O Tesoureiro,
(ass.) Hlegivel.

Simplemente vergonhoso!!!

Arqueiros e Trancas

Do mesmo semanário recortamos o seguinte éco:

Consta-nos que no acampamento indigena pertencente aos srs. Pauling & C.º no Lobito, os serventes não são tratados convenientemente, vivendo na maior porcarias e com faltas de toda a especie, o que deu lugar a que a mortandade, entre os que vieram do Bailundo, se elevasse a 40 por cento. O assunto é bastante grave e se dele tratamos, por enquanto desta maneira, é porque não temos á mão as indicações precisas. No entanto seria conveniente que se obrigassem os estrangeiros a cumprirem as leis portuguezas, já que tão exigentes são para nós.

Absolutamente de acordo e ficamos aguardando os elementos, que convem ir reunindo para a historia que haverá que fazer um dia...

India

Foi colocado em Diu, como comandante do Corpo de Policia, o sr. tenente Fernando Furtado Saude.

—Foi mandado servir no Corpo de Policia, em Pangim, o sr. tenente Batista da Silva que estava destacado em Diu.

Macau

O monumento a Ferreira do Amaral e Nicolau de Mesquita

Desde 1917 que o Governo de Macau está autorizado a dispendir uma determinada verba, a que naturalmente foi julgada sufficiente, com a construção dum monumento á memoria dos dois heroicos defensores de Macau, o malgrado governador Ferreira do Amaral e o bravo Nicolau de Mesquita.

Varias vezes a imprensa local tem tratado o assunto, insistindo pela realisação dessa justa homenagem.

Passados 7 anos ainda nada ha feito. O nosso brilhante colega «O Combate» voltando mais uma vez a lembrar essa sagrada divida de gratidão, regista o seguinte contraste:

«Na colonia inglesa de Hong-Kong, foi em 1919 aberta uma subscrição para um monumento a Sir Henry May, que naquele ano deixara o Governo da Colonia; pois em abril ou principio de Maio de 1923, isto é, quatro anos depois, fez-se a inauguração do monumento.»

Não estranhe colega; talvez que se Sir Henry May tivesse morrido ainda não tivesse feito o monumento.

A gratidão humana, raras vezes é despida duma esperanca em futuros beneficios.

Ferreira do Amaral e Nicolau de Mesquita, foram dois grandes Portuguezes, mas... morreram.

Major A. Leite de Magalhães

O nosso colega «A Provincia» de Pangim (India) insere num dos seus ultimos numeros a seguinte noticia:

O major Leite de Magalhães volta para Angola no desempenho de uma comissão de serviço.

Sabiamos que este nosso ilustre colaborador e distinto colonial tinha sido mandado prestar serviço no Alto Comissariado de Angola; não tinhamos porem ainda a noticia que o nosso colega da India nos trouxe, e pela qual felicitamos o sr. Alto Comissário.

O simples facto de «A Provincia» que raras vezes põe em relevo noticias, aparentemente mais interessantes, relativas a Angola, ter dado um destaque especial a esta a que nos referimos, é bastante significativo.

E' que na India, como em Timor e em Angola, o nome do major Leite de Magalhães está ligado ao reconhecimento do seu grande valor como colonial, das suas excepcionais facultades de trabalho e da sua inquebrantavel dedicacão pelo nosso progresso colonial.

COTAÇÕES

TITULOS

TITULOS	Em 18 de Out. de 1924			Em 25 de Out. de 1924			TITULOS	Em 18 de Out. de 1924			Em 25 de Out. de 1924		
	OFERTAS			OFERTAS				OFERTAS			OFERTAS		
	Efectuado	Dinheiro	Papel	Efectuado	Dinheiro	Papel		Efectuado	Dinheiro	Papel	Efectuado	Dinheiro	Papel
Div. interna fundada													
As. tit. 20:000\$00	—	—	—	—	—	—	Compunhias	—	—	—	—	—	
As. tit. 1.000\$00	33	33,10	33,50	—	—	33,		Caminhos de ferro :	—	—	18\$00	—	—
As. tit. 500\$00	—	30,30	—	—	—	30,		Nacional.....	—	—	—	—	17\$00
As. tit. 100\$00	—	29,50	—	—	—	30,		Beira Alta.....	—	40\$00	—	40\$00	—
Coupon tit. 1.000\$00	—	—	32,80	—	—	32,		Coloniais:	—	—	—	—	—
Coupon tit. 500\$00	—	28,50	32,50	—	—	30,		Açucar de Augola.....	148\$00	—	—	151\$00	150\$00
Coupon tit. 100\$00	—	—	—	—	—	30,		Agric. Bela Vista.....	80\$00	—	80\$00	70\$00	70\$00
Emp 3 0/0 1905	—	9\$00	9\$40	—	—	9\$00		Agric. Ganda, Soc.....	160\$00	160\$00	—	160\$00	160\$00
Emp 4 0/0 1888	14,50	15\$00	15\$00	—	—	—		Agric. Principe, E.....	—	—	170\$00	—	10\$00
Emp 4 0/0 1890 c	—	29\$00	—	—	—	32\$00		Agric. Ultramarina.....	—	—	—	—	170\$00
Emp 4 1/2 1888-89 as	—	29\$00	—	—	—	34\$00		Agric. Colonial Soc.....	240\$00	—	255\$00	—	232\$00
Emp 4 1/2 1888-39 c	32,00	32\$00	—	—	—	32\$00		Amboim.....	75\$50	75\$00	—	70\$00	—
Emp. 4 1/2 1912 ouro.	600\$00	—	605\$00	—	—	600\$00		Boror.....	—	190\$00	—	—	185\$00
Emp 5 0/0 1909 c	—	39\$50	—	—	—	40\$00		Cabinda.....	—	4\$80	5\$00	4\$85	4\$80
Emp 5 0/0 1917 c	39\$00	39\$00	—	—	—	—		Colonial Buzi.....	142\$00	—	143\$00	139\$00	139\$50
Emp. 6 1/2 1923 ouro.	410\$50	—	410\$50	413\$60	—	—	Congo Português.....	—	15\$00	26\$00	—	15\$00	
Externas 1ª serie.	493\$00	492\$00	494\$00	453\$50	452\$00	454\$00	Ilha do Principe.....	375\$00	373\$00	375\$00	—	358\$50	
Externas 3ª serie.	—	500\$00	525\$00	495\$00	490\$00	495\$00	Luabo.....	—	—	—	—	—	
Cautelas da 3ª serie	—	30\$20	31\$00	—	27\$00	28\$50	Moçambique até ao n.º 1.222.221, inc.....	—	52\$00	—	—	—	
Obj Div Prov. de Angola 3 0/0	—	—	70\$00	—	—	70\$00	Nyassa.....	—	—	10\$00	—	10\$00	
Acções													
BANCOS:													
Alentejo.....	—	—	—	—	73\$00	—	Sui de Angola.....	—	—	—	—	65\$00	
Aliança.....	—	—	—	—	57\$00	—	Zambezia do n.º 500.001 a 600.000.....	—	65\$00	—	17\$00	17\$00	
Colonial Português, p.....	—	—	6\$00	—	53\$00	—	Obrigações	—	—	—	—	—	
Colonial Português, a.....	—	—	—	—	50\$00	—	Caminhos de ferro:	—	—	—	—	—	
Colonial Português c.....	—	0	—	56\$00	55\$00	58\$50	Através Africa 5 0/0.....	190\$00	—	195\$00	216\$00	—	
Comercial de Lisboa.....	—	—	50	—	260\$00	—	Beira Alta 3 0/0 2.º grau.	—	860\$00	875\$00	860\$00	860\$00	
Credito Nacional.....	—	—	0 0	—	88\$00	90\$00	Benguela, 5 0/0.....	—	138\$00	—	—	—	
Industrial Português c.....	—	—	—	—	—	—	Norte e Leste 3 0/0 1.º gr.	—	43\$00	—	—	45\$00	
Industrial Português a.....	—	—	50\$00	—	88\$00	—	Norte e Leste 3 0/0 2.º gr.	—	—	—	—	—	
Lisboa & Açores.....	—	—	486\$00	450\$00	—	450\$00	Diversas:	—	—	—	—	—	
Nacional Agricola c.....	—	—	58\$00	—	56\$00	57\$00	Águas 4 1/2 0/0 c.....	—	—	44\$00	—	44\$00	
Nacional Agricola p.....	—	57\$50	58\$00	53\$00	—	56\$00	Banco Nacional Ultramarino 4 1/2 a.....	—	—	—	—	80\$00	
Nacional Agricola a.....	—	—	52\$00	—	50\$00	—	Banco Nac. Ultramarino 4 1/2 0/0 c. (ouro)....	—	—	—	—	—	
Minho.....	—	45\$00	280\$00	270\$00	—	272\$00	Banco Nac. Ultramarino 6 0/0 b.....	—	—	—	—	—	
Nac. Ultramarino, a.....	265\$00	265\$00	—	—	202\$00	—	Produtos coloniais	Cambios					
Nac. Ultramarino, c.....	205\$00	205\$00	224\$00	218\$00	218\$00	218\$50							
Popular Português.....	224\$00	223\$50	205\$00	—	23\$00	—							
Portugal.....	799\$00	798\$00	799\$00	775\$00	767\$00	770\$00							
Português e Brasileiro.....	88\$00	88\$00	88\$50	94\$00	—	—							

Produtos coloniais

Cambios

PRODUCTOS	Quant.	Em 18 de Out. 1924		Em 25 de Out. 1924		PRODUCTOS	Quant.	Out. 1924		Cotação oficial	Em 4-10-1924		Em 8-10-1924	
		Em 18	Em 25	Em 18	Em 25			Compra	Venda		Compra	Venda		
Algodão.....	1 k.	20\$00	14\$00	Cocono'e de Loanda.....	15 k.	35\$00	32\$00	Londres.....	109\$00	110\$00	109\$00	110\$00		
Amido de mandioca.....	»	—	—	Couros limpos.....	»	11\$00	11\$00	Fim de Julho.....	—	—	—	—		
Borracha de Ambiz 1ª.....	»	—	—	Farinha de mandioca.....	»	—	—	Paris.....	1,26	1,28	1,26	1,28		
» 2ª.....	»	—	—	Fibra de agave.....	»	—	—	Alemanha.....	—	—	—	—		
» Loanda e Beng. 1ª.....	»	6\$00	6\$00	Gergelim.....	»	—	—	Praga.....	—	—	—	—		
» e » 2ª.....	»	—	—	Goma capolo.....	»	—	—	Holanda.....	9,85	9,98	9,50	9,66		
Cacau fino.....	15 k.	74\$00	75\$00	» branca 1ª.....	»	—	—	Madrid.....	3,38	3,43	3,24	3,29		
» paiol.....	»	62\$00	60\$00	» mixta.....	»	—	—	Belgica.....	1,20	1,23	1,16	1,18		
» escolha.....	»	37\$00	38\$00	» preta.....	»	—	—	Italia.....	1,10	1,12	1,05	1,06		
Café Ambriz.....	»	143\$00	140\$00	Marfim de lei.....	»	—	—	Suiça.....	4,80	4,89	4,64	4,73		
» Cazengo.....	»	140\$00	135\$00	» meão.....	»	—	—	Suecia.....	3,53	3,56	6,44	6,49		
» Encoge.....	»	142\$00	138\$00	» escaravelho.....	»	—	—	Nova-York.....	25,20	25,50	24,10	24,40		
» Novo Redondo.....	»	145\$00	145\$00	Milho.....	»	16\$50	17\$25	Brasil.....	2,80	2,89	2,70	2,78		
» S. Tomé.....	»	—	—	Oleo de palma do Congo.....	»	62\$00	—	Rio s/Lisboa.....	—	—	—	—		
Cera.....	1 k.	13\$50	13\$80	» » de Loanda.....	»	62\$00	—	Rio.....	—	—	—	—		
Coconote do Zaire.....	15 k.	35\$00	32\$00	Ricino.....	»	—	—	Libras ouro.....	122,50	—	117,50	—		
» da Guiné.....	»	35\$00	32\$00	Tapioca.....	»	—	—	Agio do ouro.....	—	—	—	—		

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade nonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde — LISBOA — Rua do Comercio
Agencia — LISBOA — Cais do Sodré

Capital social: Esc. 48.000:00\$000 Capital realizado: Esc. 24.000:000\$00
Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Évora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarém, Setúbal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Trás-os-Montes, Viseu

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroísmo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLONIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshasa (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (Índia Inglesa) CHINA — Macau TIMOR — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E. — Paris, 8, rue du Helder

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-York, 93, Liberty Street

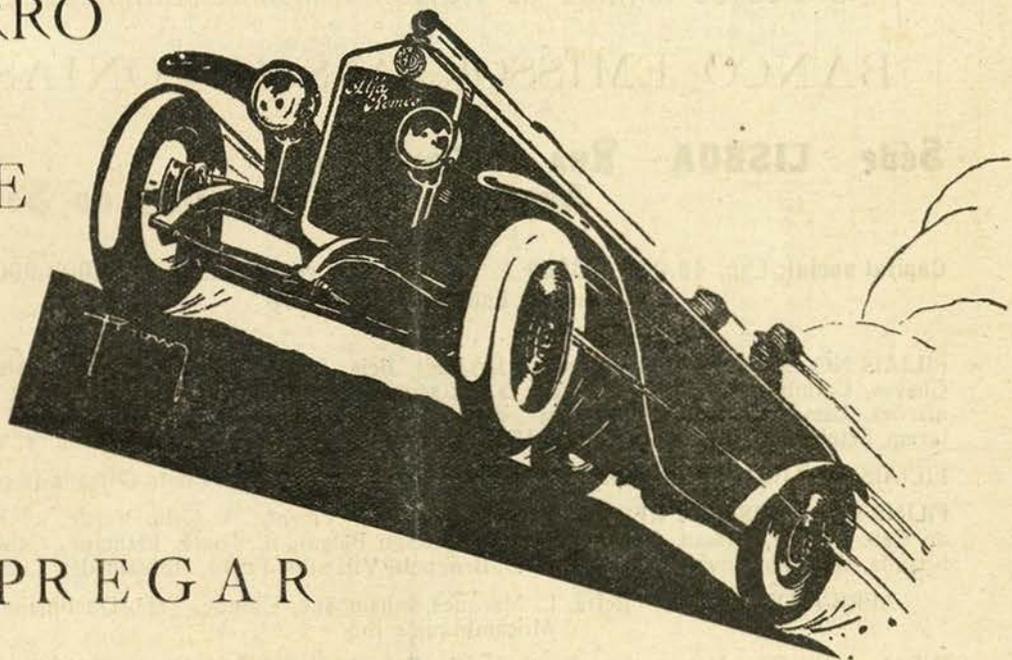
Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

A VELOCIDADE

NUNCA FALTARA AO

CARRO

QUE



EMPREGAR

Auto-Gazo

A MELHOR

GAZOLINA

VACUUM OIL COMPANY